

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.coppeq.uesp.br/hortifruti

CITROS

GESTÃO SUSTENTÁVEL

Mesmo com preços maiores,
ainda é preciso fazer mais com menos



SEM A ESTRELINHA*, A ÚNICA ESTRELA QUE VAI BRILHAR É A SUA PRODUÇÃO.

Priori Top®: controle e produtividade.



*Antracnose – *Colletotrichum gloeosporioides*.

Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

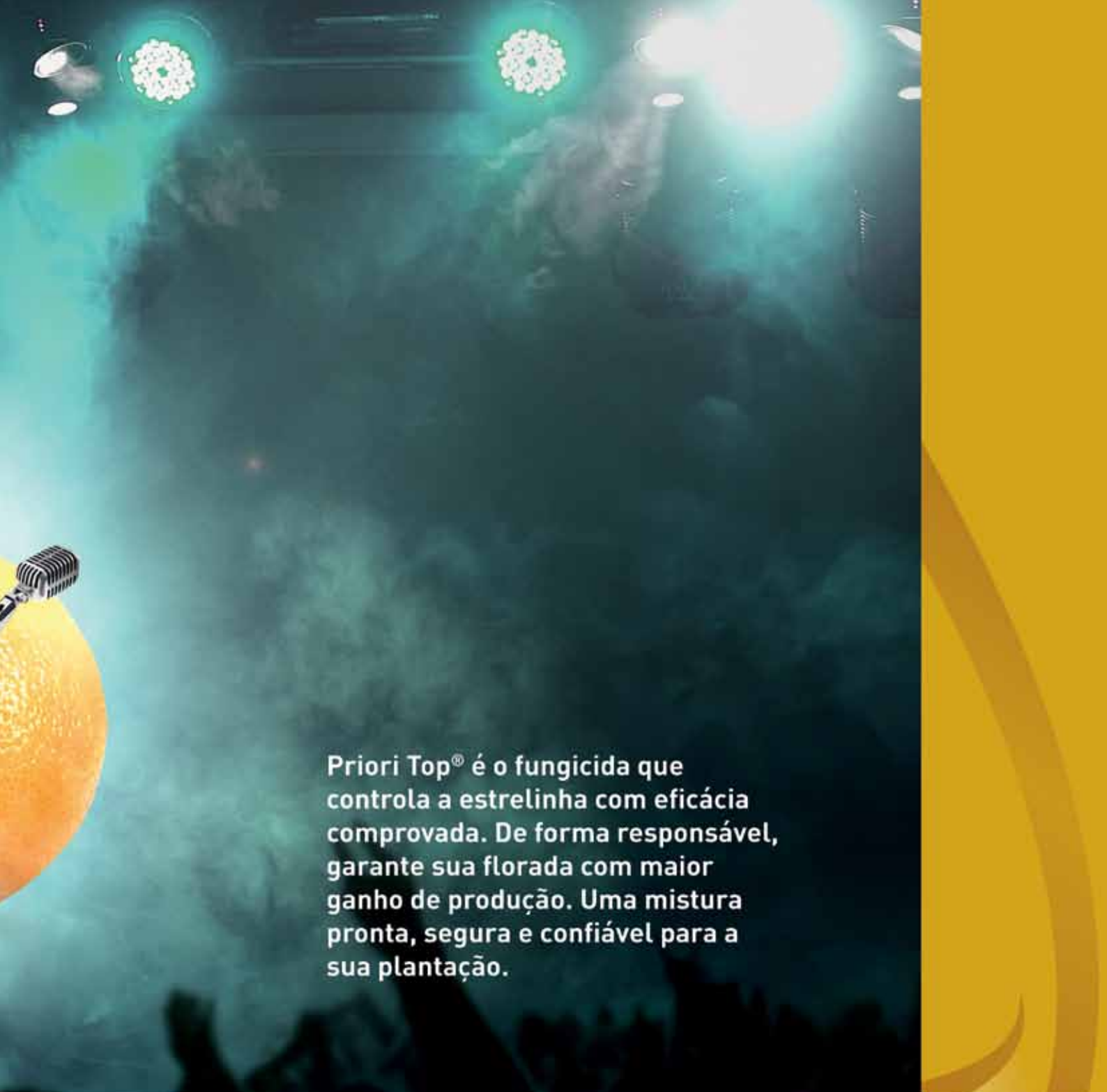
ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br

A person is singing into a vintage-style microphone on a stage. The scene is lit with dramatic blue and green spotlights. In the foreground, a large, bright orange is partially visible, with a microphone positioned as if it were about to speak into it. The background shows the silhouettes of an audience.

Priori Top® é o fungicida que controla a estrelinha com eficácia comprovada. De forma responsável, garante sua florada com maior ganho de produção. Uma mistura pronta, segura e confiável para a sua plantação.

 **Priori Top®**

syngenta.

PREÇO JUSTO E EFICIÊNCIA TÉCNICA À CITRICULTURA



A equipe que preparou este Especial Citros. Da esq. para a dir: Carolina Sales, Margarete Boteon, Renato Ribeiro, Larissa Pagliuca e Fernanda Geraldini.

Após três anos de baixos preços, a temporada 2015/16 sinaliza valores maiores e mais compatíveis com os custos de produção atuais dos pomares citrícolas. As primeiras propostas de contrato, feitas já em abril pelas indústrias processadoras, são recebidas com otimismo pelos citricultores, que veem a possibilidade de resultados melhores que nos anos anteriores – e, quem sabe, lucro para cobrir as dívidas das safras passadas. Os fundamentos para esse novo cenário são: estoques de suco em baixa, dólar valorizado e expectativa de safra pequena em São Paulo e na Flórida.

A recuperação dos é vital para que os produtores retomem os investimentos na citricultura. Sem preços remuneradores, é praticamente impossível arcar com todos os tratamentos fitossanitários que os pomares exigem atualmente. No entanto, essa retomada pode não ser tão imediata. Uma série de fatores ainda pode limitar os investimentos no curto prazo, como o elevado nível de endividamento de parte dos produtores e as margens mais apertadas por conta do custo de produção em alta. Em anos passados, muitos citricultores paulistas, que não conseguiram receber o suficiente para cobrir seus custos de produção, acumularam dívidas ou utilizaram rendimentos de outras culturas para cobrir os gastos com a laranja.

Os preços recebidos pelos produtores independentes, principalmente nas últimas três safras, foram abaixo do custo de produção – as referências são o preço *spot* Cepea e o valor mínimo do governo federal. Muitos produtores não resistiram à combinação de baixos preços,

custos em ascensão e aumento na incidência de pragas e doenças.

O balanço da crise recente mostra que 5.250 propriedades deixaram de produzir citros entre o primeiro semestre de 2012 e o ano de 2014, o equivalente a 38 milhões de pés (dados da CDA – governo paulista). Dessas 5.250, 99,9% tinham menos de 200 mil plantas, o que sinaliza que a crise foi concentrada em produtores de pequeno e médio porte.

Para a retomada dos investimentos, é fundamental que o produtor consiga renegociar suas dívidas e melhorar a gestão do negócio, de modo que caiba para voltar a investir no setor e que esses recursos não sejam desperdiçados com ineficiências.

O produtor precisa “fazer mais com menos” recursos para se manter na citricultura. Uma boa gestão do negócio é determinante para que mantenha o custo por unidade produzida o mais enxuto possível. Porém, com os reajustes da mão de obra, dos combustíveis e demais insumos, essa tarefa tem sido cada vez mais difícil. Ano após ano, a atividade citrícola exige aumento da eficiência técnica. É preciso produzir mais utilizando-se os mesmos ou até menos recursos/bens. Neste *Especial Citros*, apresentamos alguns indicadores para o produtor ter referência de quantas pessoas têm sido ocupadas nas atividades do setor, bem como quantos tratores/implementos estão sendo usados.

Um ponto adicional importante para a retomada dos investimentos é a fixação de um parâmetro para a remuneração da caixa de laranja, especialmente para os produtores independentes – costumam negociar a produção de uma única safra. Esse grupo é o mais suscetível às oscilações de mercado, estando mais exposto à recente crise, já que as condições de negociação nem sempre são transparentes. A possibilidade de implementação do Consecitrus (Conselho dos Produtores e Exportadores de Suco de Laranja) já em 2016 é essencial para produtores vislumbrem um cenário mais favorável para os próximos anos. A atuação desse Conselho estará centrada na definição de parâmetros transparentes para a remuneração da laranja. A expectativa é que melhore a distribuição das receitas entre os fornecedores de laranja e as indústrias, de modo que a citricultura paulista tenha maior sustentabilidade.

DO CAMPO ATÉ A CIDADE, VOCÊ FAZ A DIFERENÇA.

Acreditamos na força da parceria.
É essa força que nos faz crescer
e superar os desafios do dia a dia.

#TAMOJUNTO
2015



HORTITEC / OPEN FIELD DAY

Visite nosso estande na Hortitec 2015 e aproveite para conhecer os lançamentos e principais produtos das nossas linhas de sementes de hortaliças, diretamente no campo no **Open Field Day** que será realizado em nossa Estação Experimental, a 8 km de Holambra/SP.

AGRISTAR
CONFIANÇA NO AMANHÃ

HORTITEC

- Data: 17 a 19 de junho
- Horário: 9h às 19h
- Local: Holambra SP - Setor Azul / Estande 24



- Data: 17 a 19 de junho
- Horário: 7h às 16h
- Local: Estação Experimental



NOVO LOCAL
SP 340, km 147.2
(Sentido Mogi Mirim/Campinas)
Santo Antônio de Posse/SP
COORDENADAS 22°33'50.7" S 47°00'04.0" W

LINHAS:



OPINIÃO



Como a HF contribui com seus negócios?

As informações mais importantes da **Hortifruti Brasil** são o acompanhamento de safra, que informam quais as regiões que tiveram, por exemplo, problemas com o clima e os possíveis impactos na produtividade. Eventualmente, acesso o site do Cepea e leio as informações divulgadas na revista. Apesar de a minha empresa não trabalhar diretamente com hortifrutícolas, as informações da revista me ajudam a entender a razão das variações nos preços dessas

culturas. Parabenizo a revista e toda a sua equipe pelas ótimas informações disponibilizadas.

Rafael Azevedo – Vinhedo/SP

Gostei da edição, mas esperava encontrar mais detalhes de como os produtores utilizam as informações para tomada de decisão. Assim que a edição chega, a primeira coisa que faço é transpor o valor médio mensal de cenoura e batata do mês anterior para minha tabela de excel, que é de extrema valia em minha tomada de decisão. Também acompanho as análises de mercado, que nos dão uma ideia sobre o mercado de outras regiões. Como sugestão, gostaria de ver mais opiniões de pro-

CAPA 10



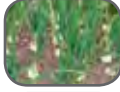












A matéria deste Especial Citros traz uma retrospectiva das três safras anteriores que marcaram a recente crise na citricultura, e apresenta perspectivas para a safra 2015/16.

FÓRUM 40

Nossos entrevistados do Fórum ressaltam a importância da eficiência técnica da propriedade para superar a recente crise no setor.

SEÇÕES

| | | |
|----------|---|----|
| TOMATE |  | 24 |
| CENOURA |  | 26 |
| CEBOLA |  | 27 |
| FOLHOSAS |  | 28 |
| BATATA |  | 30 |
| MELÃO |  | 31 |
| MELANCIA |  | 32 |
| BANANA |  | 34 |
| MANGA |  | 35 |
| CITROS |  | 36 |
| MAMÃO |  | 37 |
| UVA |  | 38 |
| MAÇÃ |  | 39 |

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Delele, Renata Pozelli Sabio, Leticia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:
Daiana Braga, Alessandra da Paz, Flávia Gutiérrez e Flávia Romanelli

Equipe Técnica:
Amanda Ribeiro de Andrade, Ana Luisa Antonio Pacheco, Carolina Camargo Nogueira Sales, Erika Nunes Duarte, Felipe Cardoso, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Palmieri, Flávia Noronha do Nascimento, Gabriela Boscarol Rasesa, Júlia Belloni Garcia, Lucas Conceição Araújo, Mariana Coutinho Silva, Marília de Paula Stranghetti, Patricia Geneseli e Tárík Canaan Thomé Tanus.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Guia Rio Claro.Com Ltda
19 3524-7820

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepa@usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

HF BRASIL NA INTERNET
Acesse a versão on-line da **Hortifruti Brasil** no site:
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil
@hfbrasil
@hfbrasil
@revistahortifrutibrasil
hortifrutibrasil.blogspot.com

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

dutores mais ligados à atividade produtiva em si. O trabalho da **Hortifruti Brasil** é excelente, e a evolução está sendo constante, acredito que tem tudo para se tornar um veículo cada vez mais importante no planejamento dos produtores.

Julio Cazaroto – Andradras/MG

A publicação é muito interessante. Para mim, as informações mais importantes são aquelas dos mercados de HF, que se configuram com agilidade e confiabilidade de um órgão isento. Os preços da batata são essenciais para meu posicionamento no mercado, e os releases de mercados são muito importantes para meu planejamento de curto e médio prazos. Identifico-me com a maioria das histórias dos leitores publicadas na edição. As dificuldades são muito parecidas em todos os mercados e campos de atuação. Espero que continuem com as pesquisas de mercado da batata, que são fundamentais para nós, produtores, termos uma base sólida sobre o mercado final. Parabênizo a equipe por este trabalho fantástico!

Antonio de Lima Neto – Guarapuava/PR

Muito boa a edição! Gosto de ler informações de mercado por região e área plantada. Com a revista, sempre tenho informações de todo o País para passar aos meus clientes. Está muito bom o trabalho de levantamento de preços!

Anderson Moreira – Belo Horizonte/MG

Julgo como importantes todas as informações divulgadas na revista, pois uma cultura pode influenciar a outra. Hoje em dia é importante estar atento a tudo que trazer informação que possa influenciar na hora de planejar o volume de vendas e em qual segmento investir, além de podermos nos preparar para as tendências, seja de preço, de instabilidade nas exportações ou previsões do tempo. Trabalho na indústria, então, o produtor vive e convive com outras situações diferentes das minhas. Mas quando se trata de problemas com o tempo, economia, pragas, etc., dividimos as mesmas angústias. Parabéns a toda equipe da **Hortifruti Brasil!**

Omero Pessoa – Rio Claro/SP

Achei a edição muito apropriada e bem feita. Na revista, gosto de acompanhar as cotações, as informações de mercado e as matérias sobre custos de produção. Recebo semanalmente as cotações por e-mail, são importantes para balizarmos nossa tomada de decisão de venda, investimentos e gestão operacional. Mantenham a ótima qualidade e objetividade, sem nunca deixar de escutar os produtores. Parabéns a todos da equipe!

André Guyot – Avaré/SP

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Produzir é com você. E gerenciar?



MBA
ESALQ/USP - PECEGE

- Agronegócios · Gestão de Negócios
- Defesa Fitossanitária · Marketing
- Gestão de Projetos

Inscreva-se

pecege.esalq.usp.br | Tel.: (19) 3377-0937

comunica@pecege.esalq.usp.br

[mbaesalqusp](https://www.facebook.com/mbaesalqusp)

Pecege
ESALQ | USP



Crise da água é sinônimo de oportunidades!

Por Larissa Gui Pagliuca

A atual crise hídrica no Brasil tem acelerado a corrida científica por alternativas que possam contribuir para a redução do consumo de água, além de criar oportunidades de negócios. Uma das inovações é o projeto Agrosmart, desenvolvido por Mariana Vasconcelos, de 23 anos, com o objetivo de evitar irrigação desnecessária na agricultura. O Agrosmart é composto por um conjunto de sensores colocados no solo, em pontos estratégicos da lavoura, incluindo um aplicativo que pode ser instalado no celular, tablet ou computador. Este aplicativo programa os intervalos de irrigação com precisão, chegando a gerar economia de até 60% de água. O Agrosmart já está sendo usado por agricultores da região de Itajubá (MG). A inovação de Mariana foi selecionada pelo programa do governo federal *Start-Up Brasil* em 2014 e, neste ano, ganhou o "*Call to Innovation 2015*", promovido pela faculdade de tecnologia Fiap. Além disso, Mariana terá a oportunidade de estudar em uma universidade norte-americana ligada à Agência Espacial Americana (Nasa).



Novo uso para a casca da laranja

Por Fernanda Geraldini Palmieri

A empresa Ambievo, de Jundiaí (SP), foi premiada por uma tecnologia desenvolvida recentemente, que envolve a casca de laranja. Uma usina, instalada em um caminhão, faz a limpeza de solos contaminados com qualquer tipo de óleo. A casca da laranja entra como o principal componente, oferecendo vários benefícios em relação ao método usado atualmente, já que não agride o meio ambiente, não oferece riscos ao aplicador e, além disso, é mais barata. A matéria-prima do produto desengordurante é o terpeno P, que é encontrada na casca da laranja, fruta que possui a vantagem de ser produzida em grande escala.



Pesquisadora do Cepea é homenageada pelo GCONCI

A professora da Esalq/USP, pesquisadora e editora científica da Revista HF Brasil Margarete Boteon será homenageada na 37ª Semana de Citricultura, que acontece de 25 a 28 de maio, em Cordeirópolis (SP). Na ocasião, receberá o "Prêmio GCONCI 2015", o que coloca seu nome no "Hall da Fama da Citricultura Brasileira". O prêmio é uma homenagem anual prestada pelo GCONCI a profissionais que se destacam pela contribuição ao setor citrícola. Parabéns, Margarete!



Do mapa da fome ao mapa do excesso de peso

Por Renata Pozelli Sabio

O Brasil é mesmo um País de contrastes. Se por um lado deixamos o mapa mundial da fome em 2014, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), por outro, o índice de pessoas acima do peso continua em elevação. No ano passado, mais da metade da população brasileira estava com peso acima do ideal. Os dados são resultado da pesquisa da Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) de 2014, divulgados pelo Ministério da Saúde em abril, que mostram que a parcela de pessoas com excesso de peso já representa 52,5% da população brasileira, sendo que, destes, 17,9% estão obesos. Enquanto a participação da população com excesso de peso aumentou nos últimos anos, a de obesos se manteve. O excesso de peso é um grande fator de risco para doenças crônicas do coração, hipertensão e diabetes. É considerada obesa a pessoa com Índice de Massa Corporal (IMC) acima de 30. Já o IMC de pessoas com excesso de peso varia entre 25 e 30. Será que você está com sobrepeso? Faça as contas: para calcular o seu IMC é simples, basta dividir seu peso (em quilos) pela altura ao quadrado (em centímetros).

A HF Brasil por aí

No dia 9 de abril, a pesquisadora do Cepea Leticia Julião ministrou, em Lages (SC), palestra sobre "*Impacto da seca e da economia no setor de HF*" e "*Panorama do Mercado de Frutas*". A pesquisadora foi convidada pela ABPM (Associação Brasileira dos Produtores de Maçã).



22^a HORTITEC

Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas



17 a 19 de junho 2015

de quarta a sexta-feira das 9 às 19 horas

Holambra - SP

Organização



Capacitação



Patrocínio



Apoio



Passag. e Hosped.



www.hortitec.com.br

Informações: Tel/Fax: (19) 3802 4196 | E-mail: rbb@rbbeventos.com.br | Site: www.rbbeventos.com.br
Local: Pórceto da Exposição | Al. Maurício de Nassau, 675 - Holambra - SP | Rod. Campinas-Mog. Mirim, km 140
Eventos de Capacitação: Tel/Fax: (19) 3802 2234 | hortec@hortec.com.br | Site: www.hortec.com.br

ESPECIAL

Mesmo com preços maiores,

Após três anos de preços em patamares baixos, descapitalização do segmento produtivo e saída de muitos produtores, a safra 2015/16 dá sinais de recuperação. Será a “luz no fim do túnel”? As primeiras propostas de contrato, feitas já em abril pelas indústrias processadoras, são recebidas com otimismo pelos citricultores, que veem a possibilidade de resultados melhores que nos anos anteriores e, quem sabe, lucro para cobrir as dívidas das safras passadas.

O cenário de preços maiores, no entanto, vem acompanhado de aumento nos custos de produção. A temporada 2015/16, novamente, requer que o produtor busque aumentar a produtividade ao mesmo tempo em que precisa conter gastos, administrando bem seus recursos financeiros e técnicos da produção para que consiga recuperar os prejuízos e se manter na atividade.

Neste ano de aparente mudança da curva de rentabilidade (para melhor!), o *Especial Citros* faz uma breve retrospectiva das três safras anteriores e apresenta perspectivas para a 2015/16. Nesta análise, é fundamental a discussão dos dados mais recentes da Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo (CDA) referentes ao número de produtores e de plantas do parque citrícola paulista. Em linhas gerais, muitos citricultores ainda estão deixando a atividade e, por consequência, segue crescente a concentração da produção em grandes propriedades.

Para enriquecer a análise, são incluídos também índices técnicos originários de um estudo que apurou o custo de produção de 12 propriedades produtoras de laranja do estado de São Paulo, de diferentes regiões e escala. Essa pesquisa foi realizada pela equipe Cepea com o apoio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faespa) durante a safra 2011/12, ano em que o setor ainda estava capitalizado o suficiente para conduzir os pomares de acordo com todas as recomendações agrônômicas. Esses índices são parâmetros da eficiência técnica da produção e contribuem para a gestão dos custos, sobretudo em anos de ajustes como este.

CITRICULTOR INDEPENDENTE RECEBE MENOS QUE O PREÇO MÍNIMO HÁ TRÊS SAFRAS

São chamados de produtores independentes aqueles que comercializam a produção para uma safra – normalmente, essa modalidade é definida como mercado *spot* ou “portão”. Esse grupo é o mais suscetível às oscilações de mercado, estando mais expostos à recente crise, diferente dos produtores que conseguem obter contratos com duração maior. Este último grupo, ao contrário dos independentes, tem diferentes padrões de contratos, dificultando uma análise agregada.

Os preços da laranja destinada à indústria de suco vendida na modalidade *spot* (sem levar em conta o bônus por participação no preço do suco no mercado internacional nem o montante rece-

bido via Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural – Pepro) estiveram, nas três últimas safras, abaixo do preço mínimo definido pelo governo federal. E esta situação se aplica a muitos produtores paulistas, que não conseguiram receber o suficiente para cobrir os custos de produção, acumulando dívidas ou utilizando rendimentos de outras culturas para cobrir os gastos com a laranja. Apesar de ser considerado por citricultores bem abaixo dos custos reais de produção, o preço mínimo costuma ser utilizado para comparações tanto com os valores recebidos quanto com os gastos, visto que o custo efetivo de produção varia muito de uma propriedade para outra.

Na safra 2012/13, os preços foram pressionados

CITROS

ainda é preciso fazer mais com menos

por estoques de suco elevados no início da temporada – resultado da grande produção em 2011/12¹ –, demanda internacional estagnada e, para agravar a situação, a safra paulista foi novamente elevada. Dessa forma, os estoques, que já estavam altos, aumentaram a patamares recordes: 765,9 mil toneladas de suco em equivalente concentrado, segundo a CitrusBR (Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos), o equivalente a mais de meio ano de exportações brasileiras.

Como resultado, produtores paulistas que comercializaram no *spot* receberam, em média, R\$ 6,54/caixa de 40,8 kg, colhida e posta na indústria, segundo levantamento de preços de maio de 2012 a abril de 2013 do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). Naquele período, o preço mínimo estipulado pelo governo federal foi de R\$ 10,10/cx. Como forma de garantir o mínimo para que os produtores custeassem parte da sua safra, o governo ofereceu um prêmio médio de R\$ 3,10/cx via Pepro. No entanto, esse prêmio foi limitado

a 40 mil caixas por produtor. Paralelamente, parte dos independentes conseguiu receber pela produção daquela safra um bônus, em fevereiro de 2014, com base no preço internacional do suco naquela temporada.

A safra 2013/14 de laranja não foi elevada em São Paulo, mas os estoques de entrada recordes e a reduzida demanda internacional pesaram fortemente sobre as cotações no mercado *spot*, que tiveram média de R\$ 7,73/cx entre maio de 2013 a abril de 2014, segundo o Cepea, novamente bem abaixo dos custos de produção. Os estoques chegaram a cair 30% no correr da temporada, mas isso ainda não foi suficiente para que os preços reagissem significativamente na temporada seguinte. Nesta temporada, não ocorreram leilões de Pepro, mas, a exemplo da anterior, alguns produtores também receberam um bônus com base no preço de venda do suco, pago em fevereiro de 2015.

Assim, a safra 2014/15 iniciou-se 1º de julho de 2014 com cerca de 534 mil toneladas de suco

PREÇO NO "PORTÃO" FICOU ABAIXO DO MÍNIMO OFICIAL NAS ÚLTIMAS TRÊS SAFRAS

Valor em R\$/cx de 40,8kg porto na indústria paulista



* O preço do Cepea não inclui o montante recebido via Pepro nem o bônus de participação do mercado internacional.

¹ A safra 2011/12 foi de produção elevada em São Paulo, mas os preços praticados não foram tão baixos quanto nas duas safras seguintes. O motivo foi um auxílio do governo federal, que financiou a estocagem de parte do suco de laranja brasileiro, que não poderia ser comercializado durante a vigência do auxílio. Por outro lado, o fornecimento do recurso foi condicionado ao pagamento do preço mínimo em vigor, na época de R\$ 10,10/cx de 40,8 kg, e de mais um bônus de participação no preço do suco no mercado internacional em junho de 2012.

em estoque, bem menos que o contabilizado na temporada anterior, mas, ainda assim, suficiente para quase cinco meses de exportações brasileiras. A safra paulista de laranja, por sua vez, foi baixa, resultado da diminuição da área (citricultores abandonando a cultura), redução dos tratos culturais (devido à baixa rentabilidade) e também do clima bastante seco durante quase todo o ano de 2014.

A baixa produção paulista permitiu, então, aumento nas cotações da laranja para a indústria de maio de 2014 a abril de 2015, que tiveram média de R\$ 10,20/cx no mercado spot (sem levar em consideração os valores referentes ao bônus do Pepro nem participação no preço de venda do suco no mercado internacional), 32% acima do valor de 2013/14, mas ainda abaixo do preço mínimo para a temporada, de R\$ 11,45/cx.

Os leilões de Pepro foram retomados, mas os produtores só conseguiram receber prêmios referentes a 20 mil caixas por "CPF". Para os que recebem bônus com base no mercado internacional, é preciso ponderar que o valor só cairá no caixa da propriedade em fevereiro de 2016. Dessa forma, a recuperação

dos preços em 2014/15 acabou não sendo suficiente para cobrir os custos e pagar as dívidas adquiridas anteriormente, deixando produtores ainda desanimados com a cultura.

A menor quantidade de matéria-prima processada em 2014 (devido à menor produção na temporada) gerou expectativa de forte redução nos estoques, mas o mesmo clima seco que reduziu a produção nos pomares paulista contribuiu para elevar o rendimento industrial das frutas, havendo necessidade de 15% menos laranjas para produção de cada tonelada de suco. Assim, a queda no volume de suco foi amenizada, e a safra 2014/15 está prevista para se encerrar, em 30 de junho de 2015, com 447 mil toneladas de suco de laranja estocado, em equivalente concentrado, segundo divulgado pela CitrusBR em fevereiro de 2015.

Com várias temporadas de preços no segmento *spot* abaixo do custo, muitos citricultores saíram da atividade ou reduziram a área com laranja, enquanto outros têm custeado a fruta com rendimentos de outras culturas ou mesmo acumulado dívidas.

ESTOQUES DEVEM RECUAR PARA NÍVEIS CRÍTICOS NA TEMPORADA 2015/16

Simulação com 220 milhões de caixas processadas:**

Estoque de entrada:
447 mil t
(junho/2015)

Oferta total de 1,257 milhão de t e **vendas** no total de 1,14 milhão de t

Estoque de passagem de
117 mil toneladas
(julho/2016)

Simulação* com 240 milhões de caixas processadas:

Estoque de entrada:
447 mil t
(junho/2015)

Oferta total de 1,37 milhão de t e **vendas** no total de 1,14 milhão de t

Estoque de passagem de
237 mil toneladas
(julho/2016)

Simulação* com 260 milhões de caixas processadas:

Estoque de entrada:
447 mil t
(junho/2015)

Oferta total de 1,416 milhão de t e **vendas** no total de 1,14 milhão de t

Estoque de passagem de
315 mil toneladas
(julho/2016)

* Simulação feita com base em dados divulgados pela CitrusBR em fevereiro de 2015. Considerou-se rendimento médio de 258 caixas para cada tonelada de suco (média das cinco últimas safras, divulgadas pela CitrusBR).

** Simulação feita com dados da CitrusBR divulgados no dia 19 de maio. Esses números foram atualizados na versão eletrônica da revista (site), portanto, estão diferentes dos da versão impressa.

PREÇOS VOLTAM A SUBIR EM 2015/16

Um alento aos produtores é a perspectiva de preços maiores em 2015/16, o que começa a ser confirmado pelos primeiros contratos firmados por duas das três grandes indústrias. Uma dessas empresas, que já vinha renovando contratos de longo prazo vencidos em 2014/15, fechou novos entre US\$ 4,50 e US\$ 5,50/cx de 40,8 kg, colhida e posta na indústria. Em alguns casos, os contratos podem contar com um adicional de participação no preço de venda do suco de laranja. Considerando-se o atual patamar da moeda norte-americana, bem como as previsões de que o câmbio continue valorizado até pelo menos o final do ano, citricultores consideram este valor atrativo – equivaleria a um preço igual ou superior a R\$ 15,00/cx de 40,8 kg, caso o dólar fique por volta dos R\$ 3,00. Em alguns casos, no entanto, o preço contratado está condicionado ao rendimento mínimo de 250 caixas de laranja por tonelada de suco, podendo ter ágio ou deságio conforme rendimento da fruta entregue.

Outra processadora optou por não incluir o dólar em suas propostas, oferecendo um adiantamento, que seria pago já na assinatura do contrato, e o restante ao longo da safra 2015/16, totalizando R\$ 14,00/cx de 40,8 kg para as laranjas de meia-estação e tardias, também colhidas e postas na indústria. Para as precoces, o preço é de R\$ 10,50/cx. Esses valores são baseados no preço médio de venda do suco de laranja de US\$ 2.100/tonelada (valor de comercialização em 2016). Caso o preço médio do suco supere este valor, haverá um adicional aos produtores que negociarem aos valores mencionados, pago em fevereiro de 2017. Porém, caso o suco fique abaixo do nível estipulado, o citricultor ficaria com um saldo devedor à indústria – fontes da processadora, contudo, afirmam que a empresa não aposta em valores inferiores a US\$ 2.100/t para comercialização do suco em 2016, dados os esto-

ques mais baixos e a redução na safra da Flórida.


Destaca-se que, apesar do aumento nos preços oferecidos em relação às safras anteriores, o valor ainda não deve ser suficiente para compensar as perdas acumuladas. Como dito, produtores independentes (sem contrato de longo prazo) tiveram pelo menos três anos seguidos com preços abaixo do custo, acumulando dívidas ou custeando a laranja com rendimentos de outras culturas. Em alguns casos, o caixa da propriedade não foi suficiente para custear todos os tratamentos fitossanitários requeridos, o que pode comprometer a produtividade e gerar receita insuficiente para arcar com todos os gastos e dívidas em 2015.

Agentes do setor também aguardam a primeira estimativa da safra 2015/16 de laranja paulista realizada pelo Fundecitrus (Fundo de Defesa da Citricultura) a ser divulgada no dia 19 de maio. As expectativas gerais não são de safra superior à de 2014/15, considerando-se os produtores que saíram da atividade, a redução dos investimentos (devido à baixa rentabilidade) e os efeitos da seca de 2014.

O posicionamento das indústrias também indica concordância com essas expectativas –além de aumentarem os patamares de preço, fecharam contratos mais cedo, em abril, enquanto nos dois últimos anos a procura começou no final de maio/início de junho.

Há sinais, portanto, de que os estoques cairão novamente no correr de 2015/16. No quadro ao lado (página 12), estão três simulações de como podem ficar os estoques brasileiros de suco em julho de 2016, considerando-se o processamento de 220, 240 e 260 milhões de caixas de laranja.

Se as projeções se confirmarem, os estoques nacionais de suco de laranja fechariam abaixo do nível estratégico de 300 mil toneladas, o que pode dar sustentação aos preços. Vale lembrar que, em 2010/11, os preços no *spot* atingiram recordes nominais acima de



Apesar da perspectiva de maiores preços (em moeda nacional) da laranja destinada à indústria paulista, a retomada da rentabilidade dos produtores independentes ainda é incerta; vai depender do grau de endividamento e da produtividade na temporada 2015/16.

R\$ 15,00/cx, justamente quando a previsão, que veio a se confirmar, era de forte redução dos estoques – segundo a CitrusBR, aquela safra terminou com apenas 214 mil toneladas de suco em estoque.

Apesar disso, pesa negativamente no setor a forte queda no consumo de suco de laranja nos principais compradores do produto brasileiro (União Europeia e Estados Unidos), além de o preço em dólar da *commodity* estar em movimento de queda.

Nos Estados Unidos, contudo, a previsão de safra pequena na Flórida em 2014/15 pode dar sustentação

à demanda daquele país por suco brasileiro. Segundo o relatório de abril do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), a Flórida deve colher 102 milhões de caixas de 40,8 kg, queda de 2,6% em relação à temporada anterior, que já foi baixa. Segundo o Departamento de Citros da Flórida, na parcial da safra 2014/15 local (outubro/14 a fevereiro/15), foram importadas do Brasil 141,69 milhões de galões de suco de laranja em equivalente concentrado, aumento de 28,7% ante o mesmo período da temporada anterior.

PERSPECTIVA DE CONJUNTURA MAIS FAVORÁVEL PARA A CITRICULTURA PAULISTA EM 2015

FAVORÁVEL À RENTABILIDADE

- 🍊 Previsão de preços em moeda nacional mais elevados do que os praticados nas últimas três safras;
- 🍊 Expectativa de safra paulista igual ou menor à de 2014/15;
- 🍊 Previsão de novo recuo nos estoques das indústrias nacionais em 2015/16;
- 🍊 Menor safra na Flórida, o que deve seguir sustentando as importações norte-americanas de suco brasileiro;
- 🍊 Dólar valorizado frente ao Real, que ameniza impactos de uma possível queda nos preços internacionais do suco de laranja.

- 🍊 Custo de produção em alta;
- 🍊 Desaceleração do consumo internacional de suco de laranja;
- 🍊 Crise econômica doméstica, que pode limitar o consumo;
- 🍊 Preço em dólar do suco de laranja em queda;
- 🍊 Aumento das taxas de juros do financiamento;
- 🍊 Elevada produção própria de laranja pelas indústrias paulistas, que dependem cada vez menos de produtores, especialmente dos “independentes”.

LIMITANTE DA RENTABILIDADE

BALANÇO DA CRISE CITRÍCOLA: 5,25 MIL PROPRIEDADES DEIXAM DE PRODUIZIR CITROS EM TRÊS ANOS

Segundo dados da Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo (CDA)², precisamente 5.250 propriedades deixaram de produzir citros no estado entre o primeiro semestre de 2012 e o final de 2014. Se o comparativo for feito com 2011,

antes da crise de preços, a redução chega a 6.129 propriedades, o que significa dizer que uma em cada três propriedades abandonaram a citricultura.

A diminuição das propriedades ocasionou forte redução no número de pés cultivados no estado:

² Os dados da Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo (CDA) são divulgados semestralmente, e dimensionam a citricultura paulista com relação a número de propriedades e de plantas, além da separação por tamanho de propriedades, variedades, municípios, entre outros parâmetros. Os dados se baseiam no relatório semestral de inspeção do cancro cítrico e greening, obrigatório para todos os citricultores do estado de São Paulo.

38,4 milhões de plantas foram eliminadas do parque citrícola paulista entre o primeiro semestre de 2012 e o final de 2014. Ao se estender a comparação para o pico de investimentos do setor (início de 2011), a redução totaliza 55,5 milhões de plantas erradicadas, equivalente a mais de 150 mil hectares ou a praticamente o total de árvores em produção na Flórida em 2014 (cerca de 56 milhões). Assim, segundo a CDA, no final de 2014, havia no estado de São Paulo 188,6 milhões de plantas cítricas.

Essa diminuição foi causada pela queda da

rentabilidade entre os anos de 2012 e 2014, especialmente para os produtores sem contrato de longo prazo, e aumento da incidência de pragas e doenças, com destaque para o HLB (*greening*).

Os impactos dessa crise foram mais aparentes nas propriedades de pequeno e médio porte. Das 5.250 propriedades que deixaram de produzir citros, 99,9% tinham menos de 200 mil plantas, o que sinaliza concentração da produção citrícola em propriedades de grande porte. Em 2012, no primeiro semestre, 65% das plantas cítricas do estado de São Paulo

IMPACTO DA CRISE É MAIOR EM PROPRIEDADES DE PEQUENO E MÉDIO PORTE

Número total de propriedades por escala de produção - até e acima de 200 mil plantas



Total de plantas por escala de produção - até e acima de 200 mil plantas



Fonte: CDA, janeiro de 2015



COBRE DE ALTA QUALIDADE QUE NUTRE E PROTEGE O SEU CITROS.

- Participa de processos fisiológicos, como fotossíntese e respiração;
- Possui Cobre (Cu) Bioativo, mais efetivo na proteção;
- Maior liberação e disponibilização de íons de Cobre;
- Auxilia no controle de fatores oriundos de estresses ambientais.

estavam em propriedades com até 200 mil pés. Já no final de 2014, fazendas com mais de 200 mil plantas detinham 43% do parque citrícola. Atualmente, pode-se dizer que metade da produção paulista de citros está concentrada em 163 propriedades.

Um reforço para que a produção se concentrasse em grandes propriedades no período veio da própria indústria e também de grandes grupos empre-

sariais que ampliaram a área cultivada durante esses anos de crise.

Ainda que o mercado doméstico (*in natura*) não tenha apresentado variações significativas nesse período de crise, o número de plantas das variedades direcionadas a este segmento também diminuiu, e em proporção semelhante ao visto para a produção industrial.

POMARES DE VARIADAS PARA CONSUMO IN NATURA TAMBÉM DIMINUÍRAM

Número de plantas por variedade

| Variedade | 1º semestre de 2012 | 2º semestre de 2014 | Varição % (2014/2012) |
|------------------------|---------------------|---------------------|-----------------------|
| Folha murcha | 8.288.489 | 7.019.435 | -15% |
| Hamlin | 28.910.417 | 21.306.211 | -26% |
| Natal | 24.680.133 | 19.142.856 | -22% |
| Pêra | 65.775.284 | 59.453.691 | -10% |
| Valência | 64.762.893 | 52.255.102 | -19% |
| Valência americana | 5.332.808 | 5.117.297 | -4% |
| Westin | 4.156.522 | 2.800.748 | -33% |
| Total Indústria | 201.906.546 | 167.095.340 | -17% |
| "Limão" tahiti | 7.012.499 | 6.443.366 | -8% |
| Lima | 3.363.014 | 2.882.963 | -14% |
| Bahia | 1.315.609 | 596.534 | -55% |
| Tangerinas | 2.498.903 | 2.036.851 | -18% |
| Tangor Murcote | 2.571.915 | 2.139.517 | -17% |
| Total Mesa | 16.761.940 | 14.099.231 | -16% |

Fonte: CDA, janeiro de 2015

Obs: Foram consideradas apenas as variedades mais comuns, apesar de terem outras tipicamente de mercado de mesa e de indústria.

ÍNDICES TÉCNICOS AUXILIAM NA ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

Com o cenário de preços baixos das últimas safras, uma boa gestão do negócio foi determinante para que o produtor continuasse na atividade, conseguindo manter o custo por unidade produzida o mais enxuto possível. Porém, com os reajustes da mão de obra, dos combustíveis e demais insumos, essa tarefa tem sido cada vez mais difícil. Ano após ano, a atividade citrícola exige aumento da eficiência técnica. É preciso produzir mais utilizando os mesmos ou até menos recursos/bens. O desafio é reduzir, por exemplo, o tempo das operações e a quantidade de mão de obra para a realização de uma atividade. Para otimizar o uso dos recursos/bens é fundamental que o produtor tenha um monitoramento de todas as atividades envolvidas na produção, com destaque para a quantidade de pessoas envolvidas e o tempo de operação, os conhecidos “hora-homem” e “hora-máquina”. Esses dois índices dão uma boa ajuda para o produtor avaliar se as tarefas estão sendo cumpridas da forma mais eficiente possível.

Para colaborar com essa análise de cada citricultor, a **Hortifruti Brasil** publica a seguir alguns resultados de um estudo focado na Sustentabilidade Econômica das Propriedades Citrícolas no Estado de São Paulo, desenvolvido pela equipe Citros/Cepea, em parceria com a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp).

O estudo abrangeu levantamento primário completo a respeito da sustentabilidade econômica das

propriedades citrícolas do estado – safra de referência 2011/12. Foram estudadas 12 propriedades de diferentes escalas: desde oito mil árvores (propriedade familiar) até unidades com mais de 1 milhão de árvores (grupos empresariais), divididas em duas regiões: centro-norte e leste-sudoeste. As 12 propriedades totalizam mais de 900 talhões e, destes, 77 foram selecionados para a avaliação dos custos de produção (pomares em idade produtiva), o que inclui dezenas de indicadores técnicos.

De forma geral, os talhões estudados – independente da escala de produção – possuem nível tecnológico semelhante, sendo tratados de acordo com as principais recomendações agrônômicas de adubação e pulverização. Os índices técnicos divulgados a seguir foram agrupados em três escalas de produção: até 100 hectares, de 100 a 500 hectares e acima de 500 hectares cultivados com laranja. Todas as propriedades têm a indústria como principal destino de sua produção.

Segundo os resultados obtidos, a escala de produção não é determinante para a maior eficiência da atividade. Há propriedades de menor escala com índices técnicos melhores do que os de maior escala e vice-versa. A gestão da propriedade, porém, difere muito de uma para outra e faz muita diferença nos resultados finais. Independente da escala é importante que o produtor se organize para ter conhecimento nos seus próprios índices e aproveite os divulgados a seguir como parâmetro.

Mão de obra permanente

É um dos itens com elevada participação no custo de produção e que tem tido reajustes constantes, por conta do aumento real do salário mínimo e da escassez de trabalhadores para as atividades rurais. Sem considerar as despesas com diaristas e pessoal contratado para a colheita, a mão de obra permanente representa 17% do gasto operacional de uma propriedade citrícola na média das 12 propriedades avaliadas pela Equipe Citros/Cepea na temporada 2011/12. Esse cálculo considerou somente funcionários fixos e diretamente relacionados com a produção citrícola, como: tratoristas, serviços gerais no campo, inspetores de pragas, encarregados, coordenadores, funcionários

da área administrativa, mecânico, vigilante, motorista, gerente e diretor da produção. Os temporários - colhedores e diaristas - não foram considerados neste cálculo. Algumas das propriedades estudadas, porém, não possuem todos os cargos listados. No caso da propriedade familiar, foi levado em conta também o trabalho da própria família. O mesmo foi aplicado aos demais proprietários que trabalham diariamente na atividade, ou seja, foram incluídos no “quadro de funcionários”.

Para se avaliar a demanda por mão de obra, por escala de produção, o número total de funcionários fixos por propriedade foi convertido em número de empregados para cada 10 hectares.

Apesar de a média apontar efeito positivo da escala sobre a mão de obra, isso não é “regra”. Há propriedades de menor escala que conseguem ter um quadro enxuto de funcionários e custo extremamente competitivo frente às de maior escala. Propriedade de média escala, por sua vez, pode empregar um pouco a menos, apenas, que outra de grande escala, o que se justifica pela maior necessidade de pessoas para coordenar e administrar as atividades de campo, de compras de insumos e também os funcionários, por exemplo.

Das 12 fazendas analisadas no estudo, o me-

nor índice foi de 0,34 funcionário por 10 hectares e o maior foi de 1,39 funcionário por 10 hectares. Uma das formas de se reduzir esse índice é por meio de treinamento dos funcionários, para que consigam realizar as atividades/operações com melhor eficiência. Outra alternativa é o investimento na mecanização de algumas atividades, que devem ser realizadas com bom rendimento. Para tanto, o citricultor deve cuidar tanto do treinamento dos funcionários como da manutenção das máquinas, para que não venham a gerar problemas durante as atividades, reduzindo a eficiência das operações.

NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS PARA CADA 10 HECTARES



Fonte: Cepea e Faesp; dados referentes à safra 2011/12

Não inclui os colhedores nesta estatística.

Cargos que são levados em conta neste cálculo: tratoristas, serviços gerais (campo), inspetores de pragas, encarregados, coordenadores, funcionários da área administrativa, mecânico, vigilante, motorista, gerente e diretor da produção. Quanto aos proprietários que trabalham diariamente na propriedade, a mão de obra deles também foi considerada no cálculo.

Operações mecânicas

O custo das operações mecânicas tem se elevado nos últimos anos com a intensificação do número de pulverizações na citricultura, especialmente por conta do HLB. Além disso, com a escassez de mão de obra, a mecanização é cada vez mais necessária na citricultura.

Na estrutura de custos, entende-se por operações mecânicas o gasto com combustíveis/lubrificantes e reparos/manutenção dos equipamentos. Para uma boa gestão desse item, é importante se ter uma planilha de campo com os registros das horas de uso

dos equipamentos por talhão, o que torna possível o cálculo do custo das operações mecânicas por talhão e, inclusive, o diagnóstico de quais estão sendo mais eficientes.

Levando-se em conta as 12 propriedades de laranja estudadas na safra 2011/12, esse item foi responsável por 8% do gasto operacional. Além disso, tem boa participação (peso) entre os bens do capital fixo da empresa.

Um dos indicadores de eficiência do uso das máquinas calculado e comparado entre as proprieda-

des e suas respectivas escalas de produção foi o dimensionamento das máquinas e implementos. Esse indicador se refere à quantidade de bens (como tratores) que cada propriedade utiliza para cada 100 hectares de laranja. Os valores foram agrupados por escala de produção.

No geral, a pequena escala tem o maior número de bens para cada 100 ha, devido à menor área para diluição destes. O pequeno produtor, por menor que seja, possui no mínimo um trator, um pulverizador e uma barra de herbicida para tratar do seu pomar. Conforme aumenta a área de produção é possível fazer melhorar o uso dos bens. Para as propriedades de menor porte, é essencial a otimização dos equipamentos ou até o compartilhamento com outros produtores para que os gastos com as operações mecânicas sejam “diluídos”.

Fazer o correto dimensionamento do conjunto de máquinas da propriedade é fundamental para que sejam reduzidos os custos operacionais, relacionados ao gasto com combustível, lubrificantes, manutenção dos equipamentos e também custo de depreciação. Na edição nº 96, de novembro de 2010, a **Hortifruti Brasil** apresentou as etapas para se fazer o adequado dimensionamento de máquinas e como é feito o cálculo da hora-máquina.

Quanto à eficiência das operações mecânicas x produtividade, observou-se no estudo que as propriedades de menor porte conseguem produtividade próxima à das de maior escala mesmo realizando menos pulverizações. Isso é possível pelo controle mais eficiente do nível de incidência das pragas e doenças na produção em escala menor.

NÚMERO DE MÁQUINAS/IMPLEMENTOS POR 100 HECTARES



Fonte: Cepea e Faesp; dados referentes à safra 2011/12

NÚMERO TOTAL DE PULVERIZAÇÃO X PRODUTIVIDADE



Fonte: Cepea e Faesp; dados referentes à safra 2011/12

OCIOSIDADE DAS OPERAÇÕES IMPACTA NO CUSTO DE PRODUÇÃO

Uma das alternativas para que os custos de produção diminuam é reduzir as horas ociosas tanto do maquinário quanto dos funcionários, ou seja, aquele período que o tratorista ficou aguardando um insumo chegar, a máquina sair da oficina mecânica ou ser abastecida com combustível, adubo, tanque de pulverização etc. Há também períodos em que as condições climáticas impedem o desenvolvimento de atividades, obrigando a pausa do serviço. Como o produtor não paga seus funcionários pelas horas efetivamente trabalhadas, a ociosidade da mão de obra representa um ônus no custo de produção.

A ociosidade é difícil de ser mensurada na propriedade agrícola, pois exige do administrador o levantamento de todas as atividades realizadas, bem como o tempo que cada uma requereu. As propriedades de pequena e média escala não costumam dispor de um departamento ou mesmo de um funcionário encarregado de fazer o controle e gerenciamento dessas informações. Mesmo as que contam com pessoal para controlar esses dados

sentem certa dificuldade em transferir as informações para um banco de dados que agregue e torne possível a análise do que está sendo feito no campo, gerando indicadores de eficiência. Apesar dessa dificuldade, produtores precisam se empenhar para ter esse controle, porque a redução da ociosidade traz benefícios diretos na diminuição do custo de produção.

Constatada e, se possível, mensurada a ociosidade, o passo seguinte é realizar mudanças que elevem a eficiência das atividades de campo. Isso pode ser possível com ajustes na administração da propriedade, tais como: realizar a programação prévia das atividades, manter os maquinários com manutenção em dia; treinar os funcionários para suas respectivas atividades e monitorar as operações para que seja possível diagnosticar qual atividade está sendo menos eficiente. Todas essas medidas ajudam na tomada de decisão do produtor para reduzir custos através do aumento da eficiência técnica da produção, levando seu negócio a ser mais competitivo no mercado.

PREÇO JUSTO E EFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO SÃO AS BASES PARA UMA CITRICULTURA VIÁVEL

A recuperação dos preços na temporada 2015/16 e a perspectiva de cenário mais favorável também nos próximos anos podem dar um alívio ao fluxo de caixa das propriedades citrícolas e um ânimo para os produtores reforçarem a eficiência técnica. Sem preços compatíveis, não há gestão capaz

de, por si só, melhorar as margens da citricultura. Mesmo com a recuperação dos preços, diante do aumento dos custos de produção e da incidência de doenças e pragas, o produtor ainda tem muito a fazer para que, ao final de uma safra, tenha uma contabilidade que o anime para o longo prazo. ●



Mais sabor, mais vida



www.yarabrasil.com.br

YaraLiva®



Vamos além na proteção da sua lavoura e do seu investimento.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.** Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

Copyright © 2014 DuPont. Todos os direitos reservados. DuPont Oval Logo, DuPont™ e todos os produtos mencionados com ® ou ™ são marcas ou marcas registradas da E. I. du Pont de Nemours and Company ou de suas afiliadas. Dez/2014



DuPont™ Savey® WP é um acaricida com ação ovicida totalmente seletivo aos inimigos naturais do ácaro-da-leprose. É indicado no manejo do citros para obter uma lavoura protegida por muito mais tempo.

*Para ir além mais uma vez, descubra
DuPont™ Savey® WP.*

**DuPont™
Savey® WP**
acaricida



PREVENÇÃO

DuPont™ Savey® WP protege desde a fase inicial da lavoura, proporcionando vigor e qualidade.



ÁCARO-DA-LEPROSE

Alta performance no controle dos principais predadores do ácaro-da-leprose.

Para mais informações:

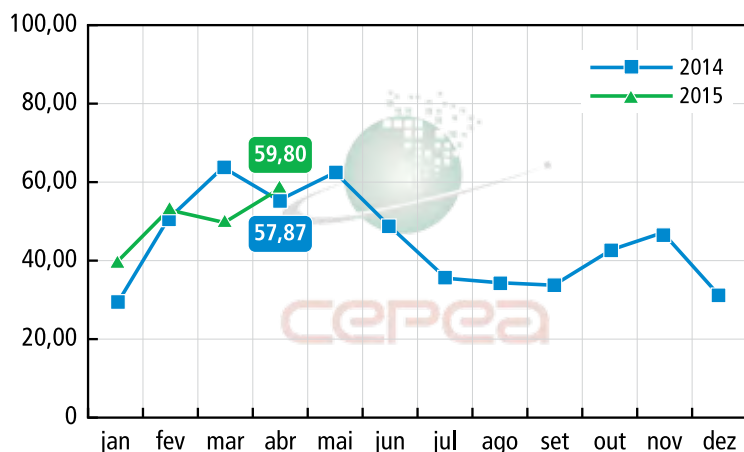
DuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br



Mais 4 regiões começam a colheita da temporada de inverno

A colheita de tomate da safra de inverno 2015, que se iniciou em março com as regiões de Araguari (MG) e Venda Nova do Imigrante (ES), ganha ritmo a partir deste mês. Isso porque, no final de abril, as regiões paulistas de Mogi Guaçu e Sumaré, além de Paty do Alferes (RJ) e Norte do Paraná iniciaram os trabalhos da primeira parte da temporada de inverno. Com as atividades de verão praticamente finalizadas, as praças que colhem no inverno tornam-se as principais responsáveis pelo abastecimento de tomate no mercado nacional, com exceção do Nordeste, que é atendido pelas regiões que colhem na safra anual – Chapada Diamantina (BA) e Goianápolis (GO), Carmópolis de Minas (MG) e Irecê (BA). Apesar do aumento no número de regiões ofertantes em maio, as cotações não devem ser pressionadas. Isso porque as temperaturas mais baixas tendem a reduzir a maturação dos frutos, mantendo a oferta moderada para este mês. Além disso, a menor produtividade nas regiões de Mogi Guaçu, Araguari, Venda Nova do Imigrante e Sumaré também deve manter a oferta baixa por conta da incidência de viroses. A safra de inverno 2015 segue até dezembro, dividida em primeira e segunda partes, e conta com um total de 10 regiões produzindo, juntas, 66 milhões de pés de tomates, o que representa uma redução de 0,075% em relação à temporada de inverno 2014.

Safra de inverno 2015 ganha ritmo em maio



Incidência de viroses pode reduzir produtividade

Nas principais regiões que produzem tomate na safra de inverno, produtores enfrentam novamente problemas relacionados à incidência de vira-cabeça e geminivírus. Essas viroses atacam diretamente a planta e prejudicam o desenvolvimento e a formação dos frutos. A medida tomada por parte dos produtores de Araguari (MG) e de Mogi Guaçu (SP) foi a utilização de sementes resistentes ao vira-cabeça. Porém, de acordo com colaboradores do Cepea, esta variedade se desenvolve mais lentamente que as demais, o que atrasou o início da safra. Para piorar o cenário, essa tecnologia não apresenta resistência ao geminivírus que, mesmo sendo menos nocivo que o vira-cabeça, também prejudica o desenvolvimento da planta e reduz a produtividade. Com isso, o rendimento das lavouras da safra de inverno deve ser baixo, sobretudo nestes meses iniciais da temporada.

Chapada Diamantina tem rendimento abaixo da média

A produtividade das lavouras da Chapada Diamantina (BA) está abaixo da média da região, pressionada pela ocorrência de traças. Essa praga, além de reduzir o rendimento dos tomateiros, também afeta a qualidade dos frutos. Com tal cenário de oferta restrita, aliado à boa procura em regiões do Nordeste e do estado do Rio de Janeiro por tomates maduros, os preços fecharam em alta no mês passado. A média foi de R\$ 55,00/cx de 22 kg de tomate salada (ponderado pelo calendário de colheita e pela classificação do fruto – 1A ou 2A), valorização de 37% em relação a março. Tomaticultores da região baiana esperam iniciar neste mês a colheita de novas lavouras, que devem apresentar uma melhor produtividade. Em relação à irrigação, produtores alegam que o nível dos reservatórios na região estava baixo no fim de abril, o que pode ocasionar uma redução no plantio ao longo do ano, caso a situação climática não se reverta.



Com menor oferta, preço sobe em abril
Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea

KENDAL NEM - O único que funciona diretamente na planta quando os nematoides aparecem.
Tecnologia GEAPOWER®
Feito com princípios ativos naturais.



Semente de tomate italiano Blueseeds. Produtividade começa assim.



BS II0011



BS II0020

Se toda plantação tem um começo, com a Blueseeds você garante o futuro produtivo, já que as sementes dos tomates híbridos **BS II0011** e **BS II0020** foram desenvolvidas e melhoradas para gerar excelentes tomates, firmes, resistentes e que se adaptam a diversas regiões do Brasil. Blueseeds, resultados no azul. Vermelho, só o tomate.

RESISTENTES ÀS DOENÇAS:

Fusarium raça 1, 2 e 3, Geminivirus, Mosaico do Tabaco, Nematóides galhas, *Pseudomonas syringae* pv *tomato*, *Verticillium* sp raça 1 e Virus do vira cabeça.

www.bluseeds.com.br

Praça dos Crisântemos, 110
Jardim Holanda • Holambra/SP
Tel: +55 (19) 3802.2588



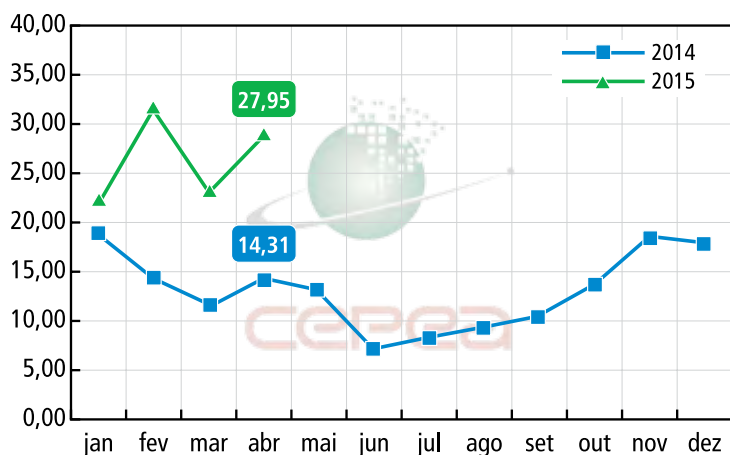


Área com cenoura em Goiás deve cair neste ano

Produtores goianos se preparam para safra de inverno

O plantio de cenoura da safra de inverno 2015 teve início em abril, com estimativas de menor área cultivada na comparação com o ano anterior. Esse cenário é resultado da diminuição dos investimentos de um importante produtor local, que destinará a área para outras culturas concorrentes. A princípio, a estimativa é de queda de 17 % em relação à temporada 2014, contudo, ainda pode haver alterações, pois os trabalhos de campo estão apenas se iniciando. Enquanto alguns produtores já estão plantando a nova safra de inverno, a maioria ainda está colhendo a raiz da temporada de verão. Em maio, no entanto, a oferta de verão em Goiás deve ser um pouco menor na comparação com o produzido no mês anterior. Isso porque as chuvas que ocorreram durante todo mês de abril elevaram a umidade do solo, dificultando o desenvolvimento normal dos tubérculos, que não “afundam” na terra e nem engrossam, ficando com aparência fina e miúda. As precipitações também causaram um ambiente propício para o desenvolvimento de “mela”. Dessa forma, a previsão é que a produtividade das lavouras colhidas seja menor neste mês. Em relação aos preços, em abril, estavam elevados, quando a caixa “suja” de 29 kg foi comercializada em média a R\$ 28,00, valorização de 25 % frente ao mês anterior.

Chuva eleva descartes em Minas Gerais



Preço aumenta em abril com redução na oferta

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

O desenvolvimento das raízes produzidas em Minas Gerais pode continuar limitado em maio por conta da previsão de chuva e de amplitude térmica para o mês. Como consequência, o índice de descartes em São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG) deve ser alto e, desta forma, as cenouras tendem a se manter valorizadas. No correr do mês de abril, a umidade reduziu a qualidade da raiz na região, com a maior ocorrência de “mela”. Como resultado da menor produção de cenouras de qualidade, os preços recuaram 18 % frente aos de março, com a caixa “suja” de 29 kg, cotada em média a R\$ 27,95. Em relação ao plantio da safra de inverno mineira, o volume de água acumulada no solo nos últimos dois meses pode acabar dificultando as atividades de campo, uma vez que impede o acesso dos maquinários nas lavouras. A temporada de inverno, que teve o plantio iniciado no final de abril (com atraso de um mês, devido ao clima), tem previsão de término em agosto, quando também devem começar as primeiras atividades de colheita. A previsão inicial é de manutenção na área com cenoura em Minas Gerais.

Atacadistas estão em busca de preços mais competitivos

A qualidade das cenouras ofertadas na Ceagesp tem variado bastante e, conseqüentemente, mantido elevados os preços no atacado, cenário que deve se manter em maio. No mês passado, a baixa qualidade e as altas cotações das cenouras de Minas Gerais, principal estado fornecedor da Ceagesp, fizeram com que atacadistas comprassem mais de produtores de outros estados. Uma das regiões mais procuradas tem sido a Sul, onde há oferta de cenouras de alto padrão e com valores mais competitivos que os do produto de Minas Gerais. Na média de abril, a caixa de 20 kg da cenoura do tipo 3A foi vendida no atacado a R\$ 39,70, alta de 11% frente a março. Com a previsão de chuva em MG neste mês, as raízes ofertadas no atacado paulistano podem continuar apresentando alterações na qualidade.





Preços compensam quebra de produção do Sul

Temporada do Sul finaliza com boa rentabilidade

A comercialização de cebola em Ituporanga (SC) terminou na segunda quinzena de abril, com preços em altos patamares. A praça foi a última a encerrar a safra dentre as regiões produtoras do Sul. A cebola armazenada para ser comercializada em março e abril, de ciclo mais tardio, apresentou melhor qualidade frente aos bulbos comercializados do início da safra, em novembro, até fevereiro. A produtividade nas praças do Sul, no geral, não foi satisfatória durante a temporada. Produtores informaram que houve elevado descarte e quebra de cerca de 30%. Os principais problemas relatados foram o bico d'água, podridão e bactérias. Dentre todas as regiões, as que tiveram os melhores resultados foram Ituporanga e Lebon Régis (SC), onde produtores encerraram a comercialização em um período de baixa oferta. Em abril, o preço médio da cebola foi de R\$ 46,00/sc de 20 kg de caixa 3 em Ituporanga. Na média da região sulista, os preços entre o início da temporada e o final, em abril, foi de R\$ 1,20/kg da cebola na roça, com custos de produção estimados na média de R\$ 0,62/kg.

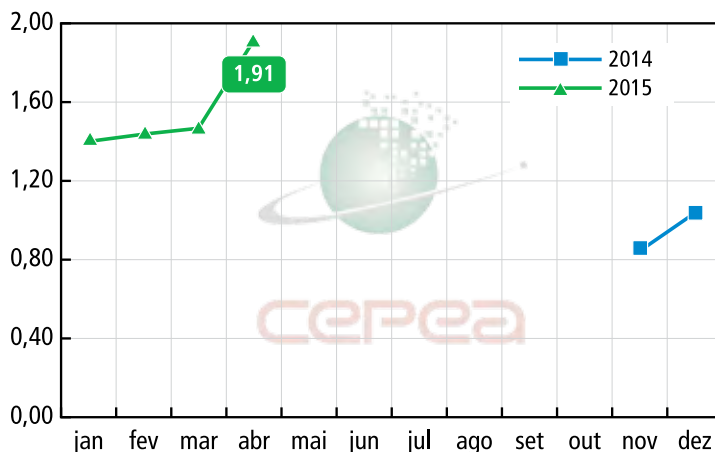
Irecê comemora início otimista de safra

Produtores de Irecê (BA) iniciaram a colheita em março, com preços em patamares elevados como resultado da baixa oferta nacional. O valor médio da cebola foi de R\$ 1,55/kg em abril, enquanto

o custo estimado para se produzir a cebola foi de R\$ 0,42/kg. A produtividade em Irecê também esteve elevada no mês passado, em 90 t/ha. Isso porque o clima tem colaborado com a cultura na região. Com chuvas isoladas e técnicas eficientes de irrigação, tem havido um bom controle da água. Produtores do Vale do São Francisco também iniciam gradativamente sua safra em maio. O pico de oferta na região do Vale está previsto para junho e julho, quando 50% dos bulbos da safra total serão colhidos. Diferente de Irecê, produtores do Vale do São Francisco aguardam precipitações mais efetivas para amenizar o clima quente que vem atingido a região.

Oferta de bulbinhos paulistas começa em maio

As praças de Divinolândia e Piedade (SP) têm sido beneficiadas pelo clima no decorrer da safra, e produtores esperam bulbos com ótima qualidade. Nos meses de janeiro e fevereiro, as chuvas chegaram a atrasar o semeio em Divinolândia, o que poderá adiar a colheita da região em até duas semanas em relação ao calendário oficial. Por outro lado, o clima úmido colaborou para recuperar um pouco os reservatórios no estado. Segundo a previsão de agricultores da região, a colheita deverá se iniciar na segunda quinzena de maio. O pico de oferta está prevista para junho, quando 55% dos bulbos serão colhidos em Piedade e 75%, em Divinolândia. A oferta segue até julho, quando as regiões do Cerrado e do Nordeste entrarão no mercado no mercado com mais efetividade.



Importações dobram em 2015

Com a pouca oferta de cebola no Brasil, as importações tiveram significativo aumento nos primeiros quatro meses deste ano frente aos do ano passado. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de janeiro a abril/15 entraram 96,5 mil toneladas de cebola importada, enquanto que no mesmo período de 2014 o volume foi de 43,7 mil toneladas. O menor volume ofertado no País neste ano deve-se à redução da área cultivada no Sul e à baixa produtividade.

Preço sobe no fim da safra do Sul

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepepa





Temendo falta de água, investimentos diminuem em SP

Apesar do bom volume de chuva no início deste ano na região Sudeste, produtores paulistas de folhosas começam a temer um possível racionamento de água durante o inverno. Isso porque, o volume acumulado no Sistema Alto Tietê era de 22,33% no fim de abril, 35% a menos que o observado na mesma época em 2014. Esta mesma situação já foi enfrentada pelos agricultores no início do ano, quando o governo estadual ameaçou lacrar as bombas das propriedades das regiões de Mogi das Cruzes e Ibiúna (SP). Na ocasião, porém, um acordo com as prefeituras destes municípios impediu a ação. Agora, para tentar amenizar a crise hídrica, outras ações estão sendo implementadas, juntamente com a adoção de cursos sobre boas práticas de manejo. Atualmente, na região de Ibiúna, produtores estão assistindo aulas de manejo e irrigação e trabalhando junto à ONG SOS Itupararanga, que tem como objetivo preservar a bacia local e auxiliar no desenvolvimento sustentável da região. Em Mogi das Cruzes, o governo do estado está oferecendo subsídios para criação de poços artesianos e troca do sistema de irrigação de aspersão para o de gotejamento. Todavia, a situação econômica do País tem deixado os produtores inseguros quanto aos investimentos e sem saber se conseguirão quitar o débito no tempo necessário. Além disso, a preocupação com a possível falta de recursos

hídricos durante a safra de inverno tem reduzido os investimentos nas folhosas, podendo até mesmo levar a uma diminuição na oferta ao longo deste ano.

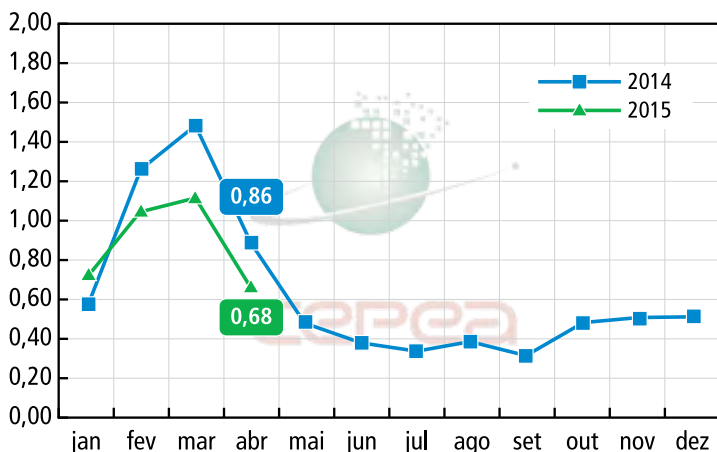
Plantio de inverno começa com expectativa de menor produção

Em abril, produtores de folhosas deram início ao plantio de sementes para a safra de inverno, cuja colheita começa em junho. O planejamento dos produtores é de curto prazo, mas com previsão de que o plantio da temporada 2015 seja menor que o de 2014 – esta expectativa, entretanto, possa ser alterada ao longo da temporada. Das folhosas avaliadas, a americana é a mais sensível ao período de inverno, sendo a única variedade para a qual produtores optam por mudar o tipo de semente utilizada nas duas estações. A principal doença nas folhosas no inverno é o míldio. Esse fungo costuma aparecer durante as baixas temperaturas e, com a presença de umidade, pode causar perdas significativas. Produtores que cultivam alfaces hidropônicas relataram que durante a temporada de inverno aumenta o ciclo de desenvolvimento dessas folhosas, o que reduz a oferta, que também apresenta tamanhos bem menores em relação aos verificados no verão.

Queda na temperatura afeta venda das folhosas

A primeira semana de abril foi, até o fechamento desta edição, uma das mais frias de 2015. Assim, com a queda nas temperaturas, houve recuo nas vendas de alface ao longo do mês, pois geralmente o consumo geralmente é menor em períodos menos quentes. Como consequência, houve sobras do produto na roça e no atacado. O valor médio mensal da alface crespa na região de Mogi das Cruzes foi de R\$ 14,99/cx com 20 unidades, baixa de 32% na comparação com o de março. Ainda assim, em abril a rentabilidade foi positiva aos produtores de folhosas, já que os preços obtidos com as vendas foram suficientes arcar com os gastos.

Produtores buscam alternativas para enfrentar seca no inverno



Preço da crespa tem queda com baixo consumo

Preços médios de venda da alface crespa no atacado de São Paulo - R\$/unidade



Fonte: Cepeca





Saborosas e crocantes, preparem-se para as alfaces do barulho

Brunela

Alface - frisee,
tropicalizada



Tolerância a Pythium e Tip Burn

Sementes Pelotizadas

Crocantela

Alface crocante
e tropicalizada



Tolerância ao Mídio e Tip Burn

Sementes Pelotizadas

Romanela

Alface romana
crocante



Tolerância ao Tip Burn

Sementes Pelotizadas

Rubanela

Alface crocante,
vermelha e tropicalizada



Tolerância ao Mídio

Sementes Pelotizadas

 **FELTRIN**
SEMENTES



Uma
empresarial
vincida para o
futuro

(54) 2109.4400
www.sementesfeltrin.com.br



Começa safra das secas 2015 no RS, PR e no Sul de MG

Chuva atrasa início da colheita das secas mineira

Produtores de Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul (PR), de Ibiraiaras/Santa Maria (RS) e do Sul de Minas Gerais iniciam em maio a colheita de batata da safra das secas 2015. Nas regiões paranaenses, o plantio começou em janeiro, com exceção de Irati que iniciou em fevereiro. Apesar do clima chuvoso em fevereiro, mês de pico de plantio, produtores do PR relataram que não houve atrasos significativos nem perdas devido às intempéries. Em Ibiraiaras/Santa Maria, houve demora no plantio por causa das precipitações no primeiro bimestre, mas o calendário também não deve ser alterado. Bataticultores gaúchos, por sua vez, não indicaram problemas fitossanitários relacionados ao clima, mas têm certa preocupação com requeima por conta das temperaturas mais amenas de abril. Já no Sul de Minas, as chuvas no início do ano retardaram o plantio, adiando o início da colheita para o fim de maio. Assim, o pico de colheita em MG será em junho, com as atividades de campo da temporada das secas seguindo até julho.

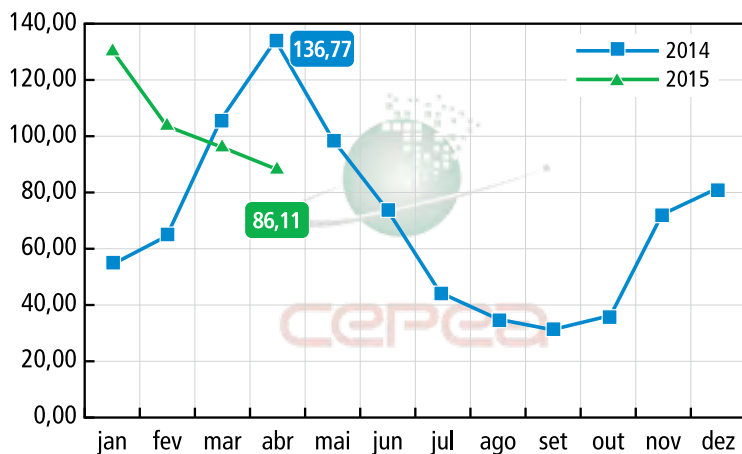
Cultivo da temporada de inverno se intensifica

O plantio de batata referente à safra de inverno 2015 segue firme em Vargem Grande do Sul (SP), Sul de Minas e no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Na primeira região, parte dos produtores iniciou o

plantio em março, quando houve forte calor e chuvas volumosas, o que acabou causando o apodrecimento de algumas sementes já implantadas, sobretudo do cultivar cupido, mais sensível ao clima. As áreas perdidas devem ser replantadas, o que deve adiar ainda mais o cultivo, que já estava atrasado por conta da chuva. Desta forma, deve haver maior concentração do plantio em junho ao invés de maio. A previsão inicial para Vargem Grande do Sul é de manutenção da área plantada, sustentada pela melhora nas condições hídricas da região, com colheita entre julho e outubro. No Triângulo, o plantio teve início em março, com aceleração em abril e março, com 15% da área cultivada em cada mês. O pico está previsto para ocorrer em junho/julho, com encerramento em agosto. Com as chuvas a partir de janeiro, houve melhora na disponibilidade hídrica em MG, o que deve manter a área cultivada em relação à última temporada, assim como no Sul de Minas. Nessa última praça, o plantio começou em março, deve registrar pico em maio e se encerrar em julho.

Sul de Minas encerra oferta das águas com menor produtividade

A colheita de batata da safra das águas 2014/15 no Sul de Minas Gerais foi finalizada em abril. Na temporada (de dez/14 a abril/15), os produtores receberam em média R\$ 71,04/sc de 50 kg, (valor ponderado pelo calendário de colheita e classificação da batata), 42,73% acima dos custos estimados de produção, de R\$ 49,77/sc. De modo geral, a produtividade média na temporada ficou 14,37% abaixo do potencial da região, fechando a 27,4 t/ha. A seca foi um dos principais fatores que reduziram a produtividade na região mineira. Além disso, o forte calor durante grande parte da safra prejudicou a qualidade e o calibre das batatas, reduzindo seu valor de mercado. Porém, esse cenário foi amenizado com a volta das chuvas em fevereiro. Na parte final da temporada, houve incidência de pinta-preta, o que reduziu em 15% a produtividade nas áreas atingidas. Porém, os elevados preços compensaram as perdas, resultando na boa rentabilidade do produtor do Sul de Minas.



Preço recua com aumento da oferta

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo -86,11 R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepeca





Qualidade garante maiores exportações de melão na safra 2014/15

Vendas externas finalizam com alta de quase 13%

As exportações de melão da safra 2014/15 foram encerradas em março e superaram em 12,7% o volume enviado ao mercado internacional na safra anterior, segundo dados da Secex. De agosto/14 a março/15, foram embarcadas 199 mil toneladas da fruta, gerando US\$ 148,3 milhões, valor 6,1% maior que o obtido na campanha 2013/14. A alta do dólar e a boa qualidade da fruta nacional favoreceram os envios. Apesar da crise hídrica no ano passado, que limitou a produtividade, a qualidade do melão não foi prejudicada. Produtores do Rio Grande do Norte/Ceará deverão retomar as exportações apenas em agosto deste ano. Os preparativos para a safra 2015/16 se iniciaram em abril, mas produtores devem começar a colher apenas em julho.

Vazão de Sobradinho tem redução autorizada

A crise hídrica ainda preocupa produtores do Vale do São Francisco (BA/PE). Com o lago de Sobradinho operando com 21% da capacidade no final de abril, a Agência Nacional de Águas (ANA) e o Ibama autorizaram a redução da vazão dos reservatórios de Sobradinho e do Xingó. Inicialmente, a vazão foi reduzida para 1.000 m³/s. Mas, em 22 de abril, começaram os testes com 900 m³/s - desde 2013, era de 1.100 m³/s. Essa medida traz um alívio temporário aos produtores de frutas do Vale, pois pode manter o nível da água do lago e

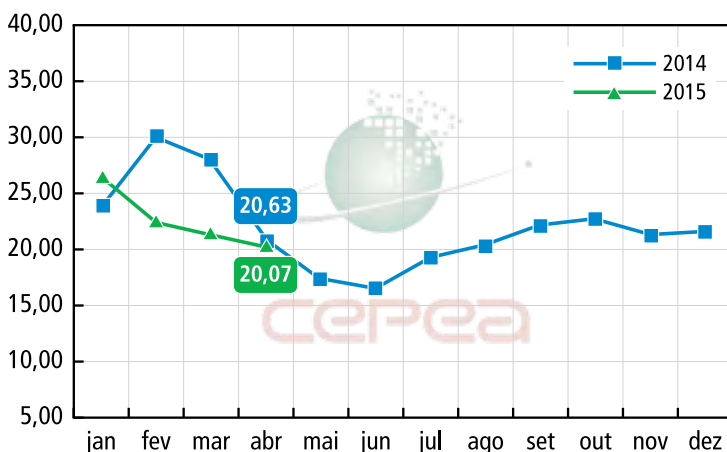
não comprometer a irrigação. Essa operação foi iniciada a pedido dos agricultores e agentes do setor, que promoveram uma audiência pública sobre o assunto, em 10 de abril. A decisão foi tomada mesmo depois das chuvas registradas no Alto São Francisco no início deste ano, mas que foram insuficientes para elevar consideravelmente o nível dos reservatórios. Porém, produtores locais terão que fazer adaptações nos seus sistemas de captação de água e reclamam da falta de linhas de crédito para tal investimento.

Custos sobem no RN/CE

Os custos de produção de melão aumentaram no Rio Grande do Norte/Ceará neste ano, segundo produtores. Como boa parte dos insumos é importada, com a valorização do dólar frente ao Real, seus preços tiveram elevação. Além disso, com o reajuste do salário mínimo, os gastos com mão de obra também ficaram maiores - os trabalhadores estão cada vez mais caros e ainda pouco qualificados, segundo os produtores. O reajuste dos combustíveis e a consequente alta dos fretes também impulsionaram os gastos. Além disso, a menor produtividade também tem impactado na elevação dos custos de produção por unidade de comercialização (caixa de 13 kg). Assim, devido a necessidade urgente de "fazer caixa", produtores têm comercializado a fruta a preços reduzidos. Apesar disso, a rentabilidade unitária ainda segue positiva.

Oferta aumenta no Vale

Produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) colheram um maior volume de melão em abril. Geralmente, a safra principal da fruta na região tem início em março, porém, neste ano, começou atrasada, e melonicultores passaram ofertar uma maior quantidade apenas na segunda quinzena de abril. Em relação à qualidade, porém, em função das precipitações em meados de abril em ambas as praças, não esteve tão boa, com problemas na aparência e coloração considerada menos atrativa pelo consumidor. Além disso, foram detectados alguns focos de "bactéria no talo".



Baixa qualidade e elevada oferta pressionam valores

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea





Frutas de São Paulo abastecem mercado em maio

Colheita começa em Itápolis e se encerra em Oscar Bressane

A safrinha de melancia na região de Itápolis (SP) começou no final de abril e deve seguir até junho. Produtores não têm conseguido bons preços pelas primeiras frutas colhidas devido à concorrência com as melancias média e miúda ofertadas pelas demais regiões produtoras de São Paulo e da Bahia. Além disso, os feriados de abril e as temperaturas mais amenas enfraqueceram as vendas e, na tentativa de melhorar o escoamento da fruta, produtores reduziram seus preços. As chuvas durante o plantio, o desenvolvimento das frutas e o clima mais ameno em abril prejudicaram a produtividade das lavouras. O rendimento médio da safrinha de Itápolis pode ficar em 50 t/ha, considerada abaixo do potencial. Já em Oscar Bressane (SP), a maioria dos agricultores encerrou a colheita da safrinha da melancia no final de abril e, de forma geral, os resultados não foram muito satisfatórios. Apesar de os preços por quilo estarem elevados, a baixa produtividade limitou a rentabilidade dos produtores locais. A pressão sobre o rendimento desta última região paulista veio do clima úmido no período de desenvolvimento das lavouras – em março, o volume de chuvas foi de 236,8 mm e, em abril, de 68,8 mm, segundo a Somar Meteorologia. Com a maior umidade, houve grande incidência de bactérias e antracnose nas roças. Estas doenças afetaram a qualidade das melancias, dificultando as vendas e ocasionando perdas, visto que estas estragavam durante o transporte. A produtividade média das

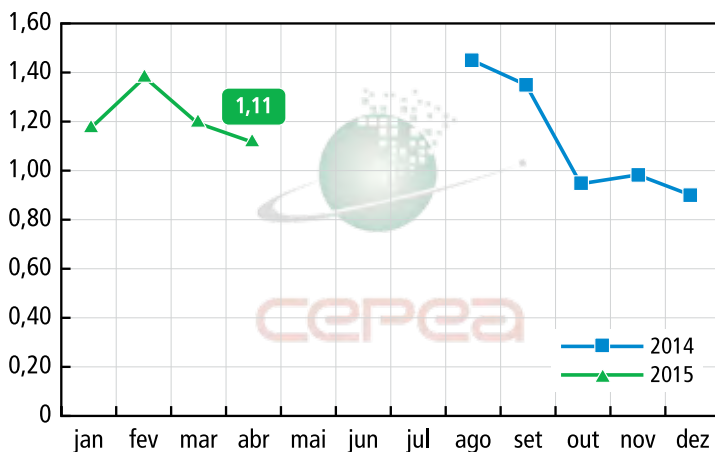
lavouras da região de Oscar Bressane para esta safrinha foi de 60 t/ha, abaixo do potencial produtivo da região, que segundo colaboradores pode chegar até 80 t/ha. No início da safrinha, abril, o preço médio de venda da melancia graúda (>12 kg) foi de R\$ 0,53/kg, 32% acima do valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os custos com a cultura.

Para aproveitar os bons preços, produtor da BA estende safra

A colheita da melancia na região de Teixeira de Freitas (BA) estava prevista para se encerrar na primeira quinzena de abril. Porém, com os preços atrativos, produtores locais estenderam a colheita até o final do mês passado, com predomínio de frutas de tamanho médio e miúdo. Apesar do menor calibre da maioria das melancias colhidas, a qualidade foi considerada satisfatória, permitindo que a fruta graúda (>12 kg) fosse negociada na região à média de R\$ 0,47/kg em abril, estável frente à média de março. Os preços só não foram maiores porque a demanda estava enfraquecida.

Chuva prejudica início da safra goiana

Produtores de melancia da região de Uruana (GO), que abrange também os municípios de Ceres, Jaraguá, Carmo do Rio Verde, Itaguaru e Itaguaru, estão iniciando a colheita da safra 2015 a partir deste mês, mas a situação não é animadora. As chuvas que ocorreram com frequência na região em abril e início de maio geraram problemas, sobretudo com bactérias nas lavouras. Naquele mês o volume de chuvas acumulou 100,6 mm, segundo a Somar Meteorologia. Os problemas se intensificaram no início de maio causando perda de 30% da produção das primeiras lavouras a serem colhidas, segundo produtores. O plantio, que ocorre simultaneamente ao início da colheita, deve se intensificar em junho e julho, seguindo até agosto. Como a colheita está programada para seguir até início de novembro, ainda há tempo para recuperação do volume ofertado pela região e da qualidade das frutas.



Demanda e preço caem em abril

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepepa



Produtividade, resistência ao transporte e qualidade. Seja qual for a sua necessidade, existe um híbrido da Syngenta para ela.



Produtividade na plantação



Resistência ao transporte



Qualidade da fruta



Produtividade com pós-colheita.



Precocidade com resistência ao transporte.



Sabor inigualável.

syngenta®



Brasil versus Equador: guerra das bananas!

Produtores brasileiros temem importação do Equador novamente

A importação de bananas do Equador volta a preocupar produtores brasileiros, que já têm se mobilizado, novamente, para impedir que isso ocorra. Em abril, a Conaban (Confederação Nacional dos Bananicultores) e as associações do setor se reuniram com a ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Kátia Abreu, para expor o problema. Agentes do setor também devem se reunir com o ministro da Indústria e Comércio Exterior. Desde agosto de 2000, o Brasil não compra a fruta daquele país, de acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Em 2013, o Equador começou a demonstrar maior interesse em enviar a fruta ao Brasil e em março do ano passado o Mapa instituiu a Instrução Normativa (IN) nº 3, que estabelece os requisitos fitossanitários para as transações comerciais de banana entre os dois países. No ano passado, porém, produtores brasileiros conseguiram barrar os envios, mas agora o assunto volta à pauta. Produtores do Equador, por outro lado, relataram que não enviavam frutas ao Brasil desde a data em que a IN entrou em vigor pois existem mercados mais atrativos, que demandaram toda a produção do país sulamericano, segundo notícia veiculada em jornal equatoriano. Associações e agentes do setor temem além dos problemas fitossanitários que podem ser trazidos para a bananicultura brasileira, queda nos preços internos e problemas sociais como desemprego. Por outro lado, exportadores equatorianos relatam que querem atingir um nicho de mercado no Brasil, com

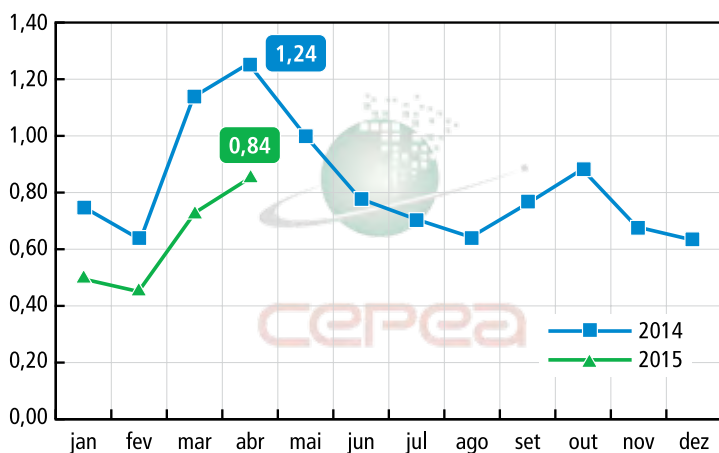
produtos *gourmet*. Vale lembrar que o Brasil é autossuficiente na produção e comercialização da fruta, e a importação poderia desestabilizar o mercado.

Qualidade pode limitar preços de nanica em maio

Em abril, a oferta de banana nanica se manteve baixa, como previsto para o período. Agentes informaram que os preços só não aumentaram mais em função da baixa demanda pela fruta. De acordo com alguns produtores do Vale do Ribeira (SP), dessa forma, o aumento nas cotações foi menor que a alta nos custos de produção. Segundo bananicultores locais, o elevado índice pluviométrico nos últimos meses fez com que os gastos com pulverizações aumentassem. Já em maio, há expectativa de outros fatores limitantes às valorizações da banana nanica paulista, como o provável aumento na oferta de Santa Catarina. Normalmente, as cotações na praça catarinense são mais baixas que as de São Paulo, o que deve aumentar a concorrência entre as regiões. Além disso, com a baixa oferta, produtores terão que colher a fruta antes do período ideal, para cumprirem seus compromissos de entrega. Somado a isso, houve ataque intenso de sigatoka nos bananais paulistas, o que pode prejudicar a qualidade e a produtividade em maio.

Exportações ao Mercosul aumentam

Com o menor consumo de banana no mercado interno e as cotações domésticas em queda, produtores de Santa Catarina optaram por aumentar as exportações ao Mercosul no primeiro quadrimestre do ano. Segundo dados da Secex, de janeiro a abril, foram enviadas 20,2 mil toneladas de banana aos países vizinhos, 17% a mais que no mesmo período de 2014. Em receita, porém, os ganhos na parcial do ano foram de US\$ 5,4 milhões, queda de 2% na mesma comparação. A qualidade da fruta catarinense deve se manter satisfatória, fator que pode influenciar positivamente nas vendas externas da banana. Um possível aumento na oferta do produto em SC também deve aumentar a necessidade de envios.



Preço da nanica sobe em abril com pouca oferta

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea





Oferta nacional começa a aumentar em maio

Produtores do norte de MG iniciam safra com boas expectativas

A colheita de manga em Jaíba/Janaúba, no norte de Minas Gerais, foi iniciada em abril e deve seguir até novembro. Apesar de o calor e da falta de chuvas durante o desenvolvimento das frutas no início do ano terem preocupado mangicultores, até o fechamento desta edição, os pomares, em geral, não apresentavam fortes problemas. A disponibilidade de água para irrigação favoreceu a manutenção dos pomares. Desta forma, a estimativa de produção para esta safra é positiva, e alguns produtores, inclusive, acreditam que o volume colhido poderá ser maior que o de 2014. A previsão de maior oferta, a alta do dólar frente ao Real e a boa demanda de manga *palmer* no mercado externo, por sua vez, têm deixado muitos produtores animados com as exportações. O clima seco aliado à irrigação favoreceu a qualidade da manga da região, que deve atingir o padrão para exportação.

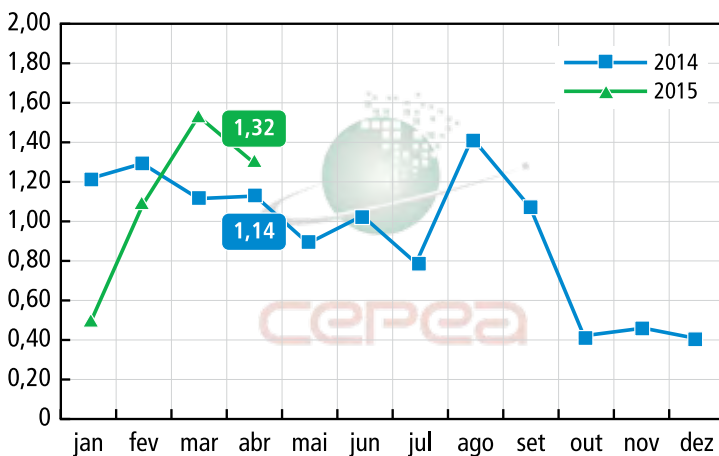
Rio São Francisco tem vazão diminuída

Produtores do Vale do São Francisco estão preocupados com a crise hídrica. Com o crítico nível da represa de Sobradinho, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf) decidiu reduzir o volume de água retirado dos reservatórios de Sobradinho e de Xingó para 900 m³/s em determinados horários. Desde 2013 a vazão liberada era de 1.100 m³/s. Segundo produtores da região de

Juazeiro (BA) e de Petrolina (PE), ainda não houve diminuição nas irrigações, mas caso haja necessidade de reduzir a quantidade de água liberada para a agricultura, será apenas após setembro. Porém, no final de abril, o volume útil de Sobradinho passou de 17% para 21,5%. Este cenário trouxe certo alívio aos produtores, que estavam preocupados com cortes drásticos na irrigação. Medidas como sistema de captação flutuante de água também estão sendo consideradas pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), a fim de se atender os projetos que contam com irrigação. Caso não obtenha sucesso, a irrigação poderá ser reduzida a 5 horas/dia.

Cenário externo é favorável ao exportador nacional

Desde o ano passado, o mercado internacional de manga está mais atrativo ao exportador brasileiro. De janeiro a abril, o volume de manga embarcado pelo Brasil à União Europeia foi 16% maior frente ao mesmo período de 2014, segundo a Secex. A Costa do Marfim – terceiro maior produtor mundial e forte concorrente do Brasil no mercado europeu entre abril e julho – está com a colheita atrasada. Mesmo assim, produtores daquele país cogitaram antecipar o início da temporada de exportação, o que prejudicaria a qualidade da manga – que ainda não está madura –, podendo dificultar a entrada da fruta na Europa. Além disso, a preocupação com a mosca-da-fruta é grande por parte dos mangicultores do oeste africano – o governo investiu cerca de US\$ 3,2 milhões para a distribuição gratuita de produtos fitossanitários. Quanto ao México e a Guatemala, a estimativa de produção para esta safra é boa, mas os dois países direcionam a fruta principalmente aos Estados Unidos, o que é favorável ao Brasil, uma vez que o foco das exportações brasileiras no primeiro semestre continua sendo a Europa. Já o Peru ofertou volume controlado e, devido a problemas climáticos durante a safra, antecipou o encerramento da temporada com menor volume exportado frente a 2014.



Com maior oferta, preço cai no Vale

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepea



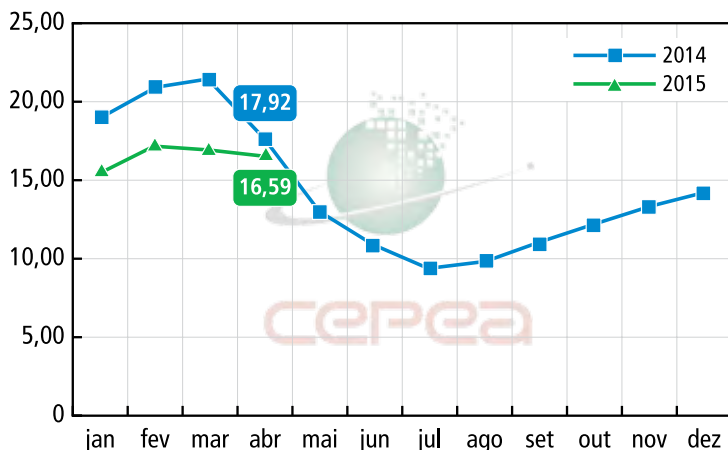
Visite o estande da
Hortifruti na 22ª Hortitec!
Setor Azul - 17 a 19 de junho - Holambra/SP



Indústrias fecham primeiros contratos para 2015/16

Negócios a R\$ 14,00 e a US\$ 5,50/cx são reportados

Os primeiros contratos para a safra 2015/16 foram fechados em abril, por duas das três grandes indústrias de suco de São Paulo. Uma das empresas, que já vinha renovando contratos de longo prazo vencidos em 2014/15, fechou novos com valores entre US\$ 4,50 e US\$ 5,50/cx de 40,8 kg, colhida e posta na indústria. Alguns incluíam um adicional de participação baseado no preço de venda do suco, enquanto em outros, o valor contratado está condicionado a um rendimento mínimo de 250 caixas de laranja por tonelada de suco, podendo haver ágio e deságio conforme o rendimento da fruta. Essa negociação é considerada atrativa aos produtores, visto que o dólar está valorizado frente ao Real. Por outro lado, o rendimento estabelecido é considerado alto para o histórico recente da citricultura paulista. Já a segunda processadora oferece um adiantamento de R\$ 14,00/cx de 40,8 kg. O valor também é considerado bom pelos citricultores, principalmente por incluir um adicional de participação no preço de venda do suco, que será pago em fevereiro de 2017. Os preços estão superiores aos da temporada passada, mas a situação de produtores independentes ainda é preocupante, pois tiveram pelo menos três anos seguidos de preços abaixo do custo, acumulando dívidas ou custeando a laranja com rendimentos de outras culturas. Desta forma, apesar de visto com otimismo, o valor oferecido pelas processadoras não deve ser suficiente para compensar as perdas de safras anteriores.



Pera registra recuo em abril

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea

res. Além disso, a maioria dos citricultores indica que os custos de produção também aumentaram nos últimos anos, e devem seguir em alta.

Produtores de SP indicam boa oferta de poncã em maio

A safra de tangerina poncã paulista foi iniciada no final de março, com produtores ofertando maiores volumes no mês passado. A expectativa dos citricultores é que a colheita siga aumentando em maio, o que deve manter a pressão sobre as cotações. Mesmo com o volume disponível não muito elevado em abril, os preços seguiram em queda em função da baixa demanda por frutas cítricas. O preço médio da poncã em abril foi de R\$ 34,04/cx de 40,8 kg, na árvore. Ainda segundo produtores, o rendimento dos pomares está satisfatório nesta temporada, visto que boa parte das áreas é irrigada. Apesar disso, a oferta da variedade está limitada devido à saída de muitos agricultores da citricultura. Segundo dados da Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo (CDA), no final de 2014, havia 1,9 milhão de plantas de tangerina poncã em território paulista, 6% a menos que no final de 2012.

Envios de limões e limas devem seguir firmes

As exportações brasileiras de limões e limas foram recordes nos quatro primeiros meses de 2015, e devem continuar com bons volumes em maio. Segundo a Secex, foram embarcadas 37,9 mil toneladas de limões e limas no quadrimestre, aumento de 11% em relação ao mesmo período de 2014. A receita em dólares subiu apenas 3%, mas a moeda norte-americana valorizada neste ano permite melhor remuneração. A expectativa de agentes é que as vendas de limões e limas sigam firmes em maio, já que a safra do México deve ter sua colheita aumentada em meados de junho. Isso porque, segundo notícia do portal *Fresh Plaza*, a produção mexicana deve ser prejudicada pelas tempestades ocorridas em abril, que foram consideradas as piores dos últimos 40 anos.





Colheita de formosa ganha ritmo no ES e na BA

Oferta deve aumentar em maio e preço pode seguir em queda

O preço do mamão, principalmente o da variedade formosa, deve cair ainda mais a partir da segunda quinzena de maio. Isso se deve ao aumento considerável da oferta da fruta, que, segundo produtores, é resultado do início da colheita de novas roças. Em abril, houve pequeno aumento na oferta, devido às condições climáticas favoráveis nas regiões produtoras do Espírito Santo e do Sul da Bahia. O clima tem contribuído para o aumento da produtividade do mamão. Com isso, os altos preços praticados em março não se mantiveram em abril. Além do aumento da oferta, a demanda também se enfraqueceu em abril, pressionando os valores da fruta tanto na roça quanto no atacado. O preço médio do mamão havaí tipo 12 a 18 ao produtor do Espírito Santo e do Sul da Bahia foi de R\$ 0,93/kg em abril, 34% menor que o de março. Na Ceagesp, a desvalorização do mamão havaí tipo 15 a 18 foi de 22% na mesma comparação, comercializado a R\$ 18,03/cx de 8 kg.

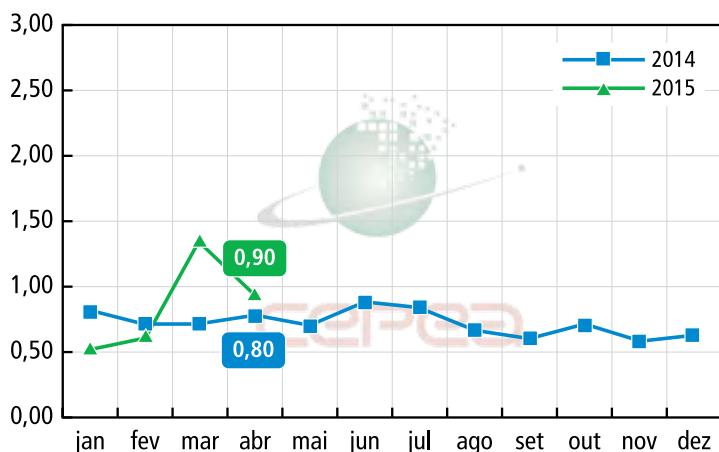
Mercado externo está mais atrativo para o setor

As exportações de mamão em maio tendem a se manter elevadas. Isso porque o alto valor do euro e do dólar em relação ao Real deixa o mercado externo mais atrativo aos exportadores. Além disso, a demanda por mamão no merca-

do interno está fraca. Segundo exportadores, a demanda por parte da União Europeia está cada vez maior, principalmente, devido ao aumento das temperaturas no Hemisfério Norte, que estimula o consumo da fruta. Assim, os embarques de mamão na parcial do ano (de janeiro a abril), já superam os do mesmo período do ano passado. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o volume de mamão embarcado pelo Brasil no primeiro quadrimestre deste ano foi 16% maior que o do mesmo período de 2014, totalizando 12,67 mil toneladas. Porém, a receita obtida foi de US\$ 14,4 milhões, 9% menor no mesmo período comparativo. No entanto, isto não significa que o produtor esteja recebendo menos. De janeiro a abril deste ano, a média do dólar foi de R\$ 2,91, valor 24% maior que nos mesmos meses de 2014 (R\$ 2,34). Com isso, o valor recebido com as exportações de mamão de janeiro a abril/15 em Reais foi de R\$ 42 milhões, 13% maior frente a janeiro-abril/14.

Qualidade é satisfatória mesmo sem chuvas

Em maio, a qualidade do mamão deve seguir satisfatória, devido às condições climáticas favoráveis, principalmente nas regiões produtoras do Sul da Bahia e do Espírito Santo. As altas temperaturas nessas regiões têm contribuído para a boa qualidade da fruta. Além disso, a menor incidência de chuvas nessas regiões diminuiu o aparecimento de doenças fúngicas. Por outro lado, a falta de água tem produzido frutos com tamanho aquém do ideal, já que, mesmo com a irrigação, o volume de água disponível para a planta é menor. Segundo a Somar Meteorologia, em abril, o volume acumulado de chuva em Pinheiros (ES) foi 56% menor que a média climatológica da região, totalizando 49,7 mm de chuva. Em Teixeira de Freitas (BA), o volume foi 33% menor que a média climatológica, sendo registrados 103,7 mm. Segundo produtores, as lavouras de mamão na Bahia e no Espírito Santo estão com as pragas e doenças controladas.



Aumento da oferta desvaloriza havaí

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepeca





Clima chuvoso do início do ano prejudica safras temporãs

Chuvas causam perdas e desvalorizam uva paranaense

A oferta de uva da safra temporã das regiões de Marialva (PR), Norte do Paraná e Rosário do Ivaí (PR), que ocorre de abril a maio, deverá ser menor em relação à do ano anterior. Segundo agentes, as chuvas no início do ano prejudicaram a produtividade dos parreirais e reduziram a qualidade das frutas. Agentes apontam que a diminuição no volume ofertado pode ser de até 70% no caso das uvas finas e 50% para a niagara. Mesmo com a menor disponibilidade da fruta no mercado, as cotações devem ser inferiores às da temporã de 2014, devido à menor qualidade – houve casos de míldio, bagas menores e °brix pouco satisfatório. O preço médio da uva Itália em Marialva em abril foi 32% inferior ao do mesmo mês do ano passado. Dessa forma, viticultores do PR, principalmente os de uvas finas, devem obter rentabilidade insatisfatória por mais uma safra temporã, o que pode influenciar a área plantada. Vale lembrar que, desde 2011, a área total de uva de mesa em Marialva acompanhada pelo Hortifruti/Cepea já caiu mais de 50%.

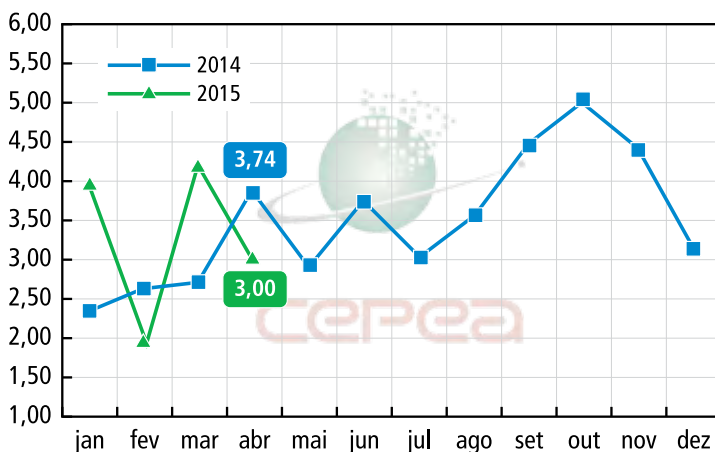
Clima também prejudica safra temporã paulista

As chuvas nas regiões de Campinas e de Porto Feliz (SP) entre março e abril também prejudicaram a qualidade da uva desta safra temporã. Além de míldio e coloração pouco satisfatória, a ferrugem tem causado perdas. Com isso, mesmo com a

reduzida oferta de uva nessas praças, as cotações têm sido pressionadas pela baixa qualidade. O preço médio da niagara de Porto Feliz em abril/15 esteve 21% abaixo do de abril/14. Apesar desses problemas, a situação dos parreirais paulistas está melhor em comparação à dos paranaenses, já que ainda não foram relatadas perdas significativas. A expectativa de produtores é de que a safra temporã se estenda até o final de maio. Quanto ao clima, a previsão do Cptec/Inpe para o trimestre maio-junho-julho é de pouca chuva para o Sudeste, o que pode contribuir para a melhora na qualidade da fruta. Já para o Sul do País, as precipitações devem ficar próximas da média do período.

Safra de uva no Vale pode ser menor por conta da seca

Enquanto as regiões produtoras de uva de SP e do PR passam por problemas decorrentes das chuvas, a viticultura no Vale do São Francisco (BA/PE) enfrenta o clima seco. O “período úmido” do Rio São Francisco se encerrou em abril, com baixo volume de água, o que pode resultar em menor oferta de uva na safra do segundo semestre em relação ao mesmo período do ano passado. Isso porque, com a menor disponibilidade hídrica, alguns viticultores podem optar por deixar parte de suas áreas de produção em repouso, sem realizar as podas de produção, a partir de maio. Segundo notícia veiculada pelo portal Canal do Vale e confirmada por colaboradores do Cepea, as propriedades que dependem da captação da água de projetos de irrigação podem ter que reduzir sua produção neste ano por conta de escassez de água. Para aqueles produtores que captam água diretamente dos rios, a situação está um pouco mais satisfatória. Agentes informam que o cenário ficará mais claro em meados de junho/julho, quando algumas medidas implementadas por autoridades locais poderão determinar se a escassez de água será contornada ou não. Apesar dos problemas decorrentes da falta de água, a expectativa de agentes é de que a oferta de uva no Vale aumente gradativamente a partir de maio.



Qualidade pouco satisfatória desvaloriza niagara

Preços médios recebidos por produtores pela uva niagara - R\$/kg



Fonte: Cepea

Visite o estande da
Hortifruti na **22ª Hortitec!**
Setor Azul - 17 a 19 de junho - Holambra/SP



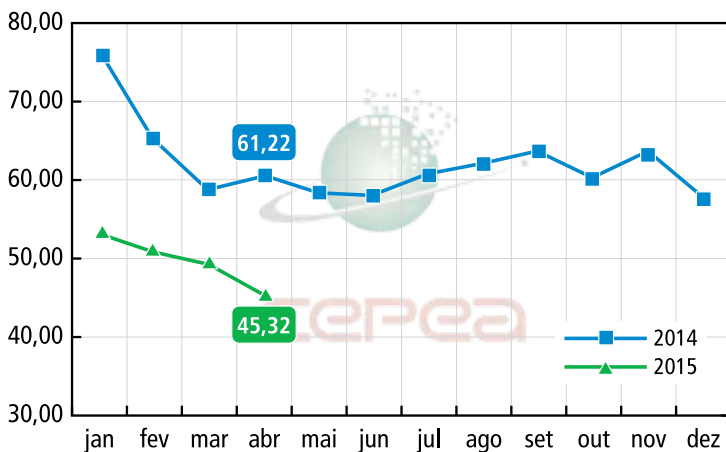
Oferta de fuji deve ficar abaixo do esperado

Quebra de safra da fuji pode chegar a 20%

A quebra de safra da maçã fuji pode chegar a 20% em relação à expectativa inicial de produtores para a safra 2014/15. Segundo maleicultores, a variedade se desenvolveu bem, mas em volume menor que o esperado. No entanto, a produção total da safra de fuji deve ser semelhante à obtida em 2014. Embora a qualidade da maçã neste ano seja superior à do ano passado, a fruta não está excelente. Nos pomares de Fraiburgo (SC), a maçã não pegou muita coloração. Produtores tentaram postergar ao máximo a colheita, na espera que a fuji apresentasse aparência mais atrativa, o que não ocorreu. Outro fator que preocupa os maleicultores desta região é a pressão de polpa da fruta, o que poderá influenciar na armazenagem de média e longa durações. Especialistas em qualidade estão acompanhando a colheita da variedade para auxiliar produtores de Fraiburgo nas decisões sobre armazenagem. Nas demais regiões produtoras, Vacaria (RS) e São Joaquim (SC), houve pouca comercialização da fuji em abril. Com exceção de São Joaquim (que normalmente inicia os trabalhos de campo mais tarde) a colheita da fuji foi finalizada na segunda quinzena de abril.

Preços da maçã devem reagir em maio

Com a redução da oferta de maçãs nas ceasas e nos supermercados de todo o País e com o fim da



Mercado fraco reduz preço na Ceagesp
Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea

comercialização da fruta de “rapa”, as expectativas são de aumento das cotações a partir de maio. No primeiro quadrimestre do ano, o mercado foi considerado fraco, o que o que dificultou o aumento dos valores da fruta tanto ao produtor quanto ao atacadista. Segundo agentes do setor, a menor demanda pela fruta nos últimos meses, reflexo do arrefecimento da economia brasileira, e a maior disponibilidade de maçãs no mercado pressionaram as cotações da maçã no correr deste ano. Vale ressaltar que, historicamente, os preços da fruta entre março e abril são menores por se tratar do período de pico de colheita nos pomares do Sul do Brasil. Além disso, é nesta época que são colocadas no mercado as frutas com menor qualidade e maior urgência de vendas. Em abril, a média dos preços da maçã Cat 1 calibre 110 nas principais regiões produtoras – Fraiburgo (SC), São Joaquim (SC) e Vacaria (RS) – foi de R\$ 45,89/cx de 18 kg, valor 4% maior que o praticado para a fruta em março.

Segue embargo às maçãs argentinas

Até o fechamento desta edição, as importações brasileiras de maçãs e peras da Argentina seguiram suspensas. Segundo auditores brasileiros, ainda não há uma data específica para a liberação da entrada das frutas do país vizinho. No final de março, o Mapa suspendeu as compras dessas frutas após detectar a presença de *Cydia pomonella* em carregamentos provenientes da Argentina. Desde o ano passado, esta praga foi erradicada dos pomares brasileiros, de modo que a entrada das frutas contaminadas no País pode levar à reincidência da praga. Embora as importações da Argentina tenham sido barradas, a entrada da maçã daquele país não cessou de fato. Importadores que possuíam licenças continuaram adquirindo a fruta, comprometendo a segurança fitossanitária dos pomares do Sul do Brasil. A pressão por parte do governo argentino pelo fim do embargo é grande. Atualmente, o Brasil é o principal destino das exportações argentinas de maçãs e peras, de forma que, com o embargo, as perdas nas vendas do país vizinho já cresceram 50% em relação ao ano passado.





ENTREVISTA: Frauzo Ruiz Sanches

“BOA PARTE DOS PRODUTORES NÃO CONSEGUIRÁ RECUPERAR POR COMPLETO OS PREJUÍZOS”

O engenheiro agrônomo Frauzo Ruiz Sanches é formado pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq) e doutor em fisiologia pela Unesp de Jaboticabal (SP). É citricultor e, atualmente, preside o Sindicato Rural de Ibitinga, atuando de perto na formação do Consecitrus e em outras pautas do setor.

Hortifruti Brasil: Qual o balanço que o senhor faz da crise na citricultura nas últimas três safras? O pior já passou?

Frauzo Ruiz Sanches: A impressão é que sim, o pior já passou em termos de preços. Os dados sinalizam um cenário melhor, especialmente se levado em conta que os estoques estão em baixa e a produção está diminuindo por conta da redução do número de plantas e dos tratos culturais devido à descapitalização dos produtores. Associado ao manejo insuficiente dos pomares, temos o aumento de várias pragas e doenças, destaque ao HLB e cancro. Em contato com agentes do exterior, a aposta deles é que os preços do suco vão subir por conta da redução da oferta de matéria-prima.

HF Brasil: É possível que aqueles produtores que permaneceram no setor, em especial os independentes, recuperem os prejuízos dos últimos anos?

Sanches: Em minha opinião, boa parte dos produtores não conseguirá recuperar por completo os prejuízos. São anos acumulando perdas, especialmente os que receberam o preço do mercado spot. No ano de 2012, por exemplo, o problema foi além dos preços; muitos não conseguiram vender sua produção por recusa dos compradores! Conheço citricultores que perderam mais de 50% da produção; no meu caso, estimo que deixei de colher entre 40-45% da minha safra. Além disso, o preço ficou muito abaixo dos custos de produção nestas últimas três safras. A crise na citricultura foi tão severa que, para se recuperarem por completo os prejuízos, o valor de venda da caixa teria que ser acima de R\$ 20,00/cx por várias safras. Até o momento, as indústrias sinalizaram valores inferiores. Muitos vão ter que se desfazer de patrimônio para ter caixa para pagar o endividamento acumulado nos últimos anos e voltar a investir na citricultura.

HF Brasil: Observamos que a crise de preços teve maior impacto sobre o produtor de pequena escala. O senhor acha que a citricultura ainda é viável para este perfil de produtor?

Sanches: Acredito que, para o pequeno produtor, já não é mais viável produzir laranja exclusivamente para as grandes indústrias. Produtores familiares, em especial, têm que pro-

curar direcionar sua produção aos programas públicos, como a aquisição de alimentos para merenda escolar. Muitas prefeituras já têm esse programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar local. Nos municípios onde não há, o produtor deve solicitar a formação do programa. Outra possibilidade é a venda para o varejo local ou mesmo diretamente para o consumidor. Neste caso, é importante ter um conjunto de variedades atrativas para o consumo *in natura*, diferentes das que são comercializadas com as indústrias.

HF Brasil: Qual é a sua recomendação para quem persiste no setor?

Sanches: Além de o produtor olhar para “dentro da porteira”, ele deve ter em mente que, sem organização e articulação da classe para melhorar o ambiente do setor, ele não conseguirá manter seu poder de negociação diante da elevada concentração das indústrias. Neste sentido, o Consecitrus poder ser uma oportunidade.

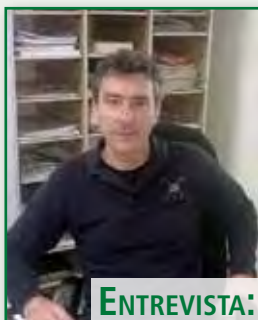
HF Brasil: O Consecitrus será uma realidade em 2016? Qual é a sua perspectiva?

Sanches: Acredito que sim. As discussões estão adiantadas. Até porque o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) estabeleceu datas limites para a formação do Consecitrus e o prazo é o final deste ano. Se for negociado dentro dos parâmetros que o segmento produtivo (“dentro da porteira”) necessita e está pleiteando, com indicadores de formação de preços e cláusulas mínimas nos contratos, acho que será de grande ajuda aos produtores. Vai depender muito se o que está sendo pleiteado pelos produtores será acatado pela indústria. As entidades ligadas aos produtores, FAESP, Associtrus e SRB como membros efetivos, e a Unicitrus e Alicitrus como membros participantes, fizerem um bom trabalho, e esperamos que o bom senso também exista daqui para frente na discussão com a entidade que representa as indústrias, a CitrusBR, para que as medidas já muito discutidas e necessárias sejam implementadas.

HFBrasil: Qual é o principal desafio para se gerir uma propriedade citrícola daqui por diante?

Sanches: Acho que, primeiramente o ambiente de negócios na citricultura precisa melhorar e isso pode acontecer por meio do Consecitrus. Temos que evitar o absurdo que vem ocorrendo há vários anos com a “expulsão” de milhares de citricultores, que ocorreu não por questões de eficiência e custo, mas por discriminação de compra e de preço. O episódio da safra 2012/13 também foi lamentável, quando 80 milhões de caixas foram ao chão e as exportações do suco de laranja, nesta mesma safra, alcançaram receita recorde, segundo a Secex. Depois de ter a questão comercial solucionada, um ambiente de negócios mais equilibrado, o grande desafio será a questão fitossanitária, como conter o HLB. O cancro também é outra doença que vai voltar a

ter importância nos próximos anos. Hoje, estima-se que o cancro esteja presente em 5% dos talhões, e a média do passado era entre 0,3% e 0,8%. Se esse nível crescer mais, teremos que conviver com a doença e o custo de manejo subirá ainda mais. A realidade é dura e muito difícil de resolver, mas como no passado já enfrentamos e superamos outros problemas sérios de doenças, como a tristeza dos citros, gomose, morte súbita, CVC, todas, em suas épocas, anunciadas como catastróficas para a citricultura. Acredito que também superaremos o HLB e o cancro. A grande preocupação é com o ambiente de negócios que ainda é muito ruim e altamente concentrado, o que distorce algumas regras básicas de mercado.



ENTREVISTA: Carlos de Petrini da Silva Coelho

“SEM INFORMAÇÕES DETALHADAS DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO, É MUITO DIFÍCIL TOMAR DECISÕES ACERTADAS NO DIA A DIA DA PROPRIEDADE”

Carlos de Petrini da Silva Coelho formou-se em Engenharia Agrônômica pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq) em 1989. Trabalha na Sanhaço Agropastoril Ltda. desde 1990 como gerente de produção.

Hortifruti Brasil: Como tem sido sua experiência com a utilização de sistemas de gerenciamento da propriedade agrícola na Sanhaço Agropastoril?

Carlos de Petrini da Silva Coelho: Na Sanhaço Agropastoril, trabalhamos com um programa de computador específico para o gerenciamento de processos agropecuários. Fazemos a alimentação do programa diariamente, com informações de gastos de insumos, mão de obra e máquinas. Também fazemos a emissão das notas fiscais de venda por este programa. Desta forma, temos informações precisas de custos e receitas de cada talhão da fazenda.

HF Brasil: Quais foram os ganhos adquiridos pela empresa com o uso desta ferramenta de gestão?

Coelho: Conseguimos aumentar a eficiência da mão de obra, da utilização dos insumos e minimizar custos com máquinas. Sem o acesso às informações detalhadas dos custos de produção para cada área, é muito difícil tomar decisões acertadas no dia a dia da propriedade. Precisamos saber exatamente quais são nossos custos de mão de obra e hora-máquina para cada operação executada, assim como avaliar os custos e benefícios dos insumos aplicados. Com informações corretas, podemos projetar ações visando a evolução dos processos que envolvem

a produção e também avaliar os resultados destas ações corretivas, decidindo se as incorporamos ou não ao nosso sistema produtivo. Mesmo sem um programa específico, podemos fazer controles eficientes em planilhas de cálculo como o excel. O mais difícil é a implantação de uma rotina de anotação de todas as atividades da fazenda. Temos que anotar tudo, desde o consumo de horas-homem, horas-máquina, gastos com insumos etc.

HF Brasil: Com as fichas de campo, o produtor consegue dimensionar a ociosidade da mão de obra? E quais os resultados? Que medidas o citricultor pode adotar para aumentar a eficiência da mão de obra?

Coelho: Se o produtor fizer as anotações de todas as atividades executadas relacionando-as com a quantidade de horas gastas, ele saberá, com precisão, se há ou não ociosidade de mão de obra. Em nosso caso, a ociosidade da mão de obra é menor que 5%, ou seja, anotamos efetivamente nos processos produtivos mais de 95% das horas que são pagas mensalmente. As medidas para o aumento da eficiência da mão de obra vão depender de cada caso, porém, com o levantamento das informações de campo fica muito mais fácil tomar decisões e atingir os objetivos esperados.



ENTREVISTA: Leandro Aparecido Fukuda

“AS ÚNICAS VARIÁVEIS QUE ESTÃO SOB CONTROLE DO CITRICULTOR AINDA SÃO A PRODUTIVIDADE E A REDUÇÃO DO CUSTO”

Leandro Aparecido Fukuda é engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal de Lavras (Ufla) e tem MBA em Gerenciamento de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Trabalha desde 2000 na empresa de consultoria Farmatac e tem muita experiência na área de citricultura, atendendo grandes grupos de citricultores.

Hortifruti Brasil: Reduzir os custos de produção, aumentar a produtividade e tornar mais eficiente a fazenda é unanimidade do setor como a fórmula da viabilidade econômica na agricultura. Como podemos implementar essa fórmula para a citricultura?

Leandro Fukuda: Podemos dizer que as únicas variáveis que estão sob controle do citricultor ainda são a produtividade e a redução do custo. Há muita dificuldade para se enxugar custo, pois isso já foi feito ao longo dos últimos anos com a criação e adoção de tecnologias que geram redução de custos. Ainda podemos ter alguns ganhos de produtividade, mas a dificuldade é o tempo que se leva para implantar sistemas de alta produtividade, pois os pomares de citros têm ciclo de vida longo, o que aumenta o tempo para mudança.

HF Brasil: Apesar do cenário mais positivo de preços na safra 2015/16, muitos produtores independentes estão com dívidas de anos anteriores. Qual seria sua recomendação para um produtor com esse perfil retomar os investimentos?

Fukuda: Recomendamos ao produtor que faça uma análise do seu negócio a curto e longo prazos (10 anos) para que possa tomar uma decisão. A postergação de dívidas deve ser feita somente em casos em que se tem um resultado econômico de longo prazo que possibilite a composição da dívida.

HF Brasil: Em um de seus estudos sobre viabilidade econômica da produção de laranja, a produtividade mínima para tornar a atividade viável era em torno de 900 caixas por hectare. Esse indicador ainda permanece?

Fukuda: Acredito que os números não mudaram muito e este indicador ainda continua sendo, para nossa empresa, um parâmetro de corte para pomares com grandes volumes de copa e modelos de plantios mais antigos. É muito lógico que, com a mudança de preços provocada pela alta do dólar, este indicador também mude. Porém, recentemente, os preços praticados pelas indústrias já tornavam essa produtividade bem apertada para o citricultor.

HF Brasil: Tem alguma recomendação para reduzir o custo da mão de obra? Nas fazendas onde dá consultoria, tem

algum índice ideal do número de funcionários por hectare?

Fukuda: A mecanização é a melhor forma de reduzir as despesas com a mão de obra. Além da mecanização, temos que planejar melhor as operações e trabalhar na sua máxima eficiência. A melhoria na qualificação da mão de obra é outro fator de grande influência na redução de despesas. Com relação aos índices do número ideal de funcionários, há variação muito grande de citricultor para citricultor, e o que difere são as estratégias de condução de cada área. Se tivéssemos que considerar uma média, seria em torno de 0,6 funcionário para cada 10 hectares. Vale salientar que, em propriedades com cancro cítrico, os números são muito maiores. As variações do número de funcionários estão em uma faixa muito larga, o que dificulta o estabelecimento de índices pontuais. Assim, o produtor deve focar em estratégias para a melhoria diária da eficiência da mão de obra.

HF Brasil: Levando em conta o mesmo índice de produtividade para diferentes escalas, constatamos que o número de pulverizações na pequena escala é menor do que na de grande escala. O produtor de pequena escala consegue ter um manejo mais eficiente do que o da grande escala?

Fukuda: Podemos notar isto com certeza. Acredito que a diferença da aplicação de tecnologia está ligada ao preço de venda. Produtores com maior escala têm negociações melhores e, como consequência, aplicam mais tecnologia em seus pomares.

Hortifruti Brasil: Quando se tem greening, existe algum manejo que consiga reduzir a quantidade de pulverizações? Há alguma forma que tem se mostrado eficiente no controle da doença?

Fukuda: Nos últimos anos, temos erradicado algumas plantas em torno da propriedade. O uso do inimigo natural *Tamarixia radiata* do Fundecitrus dará uma grande colaboração para a citricultura para o controle do psilídeo. O controle de psilídeos em bordadura também tem ajudado no combate da doença. O grande problema é que os trabalhos sempre têm resultados a longo prazo. Precisamos ser persistentes para atingirmos resultados futuros. ■

Na teoria,
a tecnologia
do futuro.
Na prática,
maior proteção
e qualidade hoje.



 **SERENADE**



A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

Serenade.
Eficiência sem carência.

ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom

Por que se preocupar quando você pode prevenir com Forum®?

Forum®

Fungicida




Calendário de Aplicação Forum®

| TOMATE | UVA | BATATA |
|--------------|--------------|--------------|
| 1ª APLICAÇÃO | 1ª APLICAÇÃO | 1ª APLICAÇÃO |
| ✓ | ✓ | ✓ |
| 2ª APLICAÇÃO | 2ª APLICAÇÃO | 2ª APLICAÇÃO |
| ✓ | ✓ | ✓ |
| 3ª APLICAÇÃO | 3ª APLICAÇÃO | 3ª APLICAÇÃO |
| ✓ | ✓ | ✓ |
| 4ª APLICAÇÃO | 4ª APLICAÇÃO | 4ª APLICAÇÃO |
| ✓ | ✓ | ✓ |

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Registro MAPA nº 01395.

Forum® no preventivo é a confiança de proteger sua lavoura contra requeima e mildio, independente do clima.

- Ação preventiva em batata, tomate e uva.
- Efeito antiesporulante, menor produção de esporos.
- Rápida penetração, reduz o risco de lavagem pela chuva.

0800 0192 500
www.agro.basf.com.br

150 anos

 **BASF**
We create chemistry

CONVITE

VISITE A

Hortifruti^{Brasil}

na 22ª Hortitec!

Setor Azul

PROGRAME-SE!

17 a 19 de junho

Recinto da Expoflora • Holambra/SP

Reserve conosco
seu convite para a feira!

19 3429.8808



APOIO



syngenta

22ª HORTITEC

Uma publicação do **CEPEA USP/ESALQ**
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfcepea@usp.br

Mala Direta Postal
Básica
0000/2012 - DR/XXXXY
Cliente
...CORREIOS...

IMPRESSO

VISITE A

Hortifruti Brasil

na 22ª Hortitec!

PARTICIPE DAS PALESTRAS DE MERCADO!

Convidamos a todos a prestigiar a **Hortifruti Brasil** na 22ª Hortitec, que ocorrerá entre os dias **17 e 19** de junho, no recinto da Expoflora, em Holambra (SP). A equipe de analistas de mercado estará no estande para atender os mais diversos agentes do setor de frutas e hortaliças, com distribuição gratuita de revistas. Nossos pesquisadores também ministrarão palestras sobre o panorama atual e perspectivas do mercado de frutas e hortaliças no estande da Syngenta. Para participar das palestras, entre em contato pelo telefone (19) 3429.8808 ou hfcepea@usp.br.



APOIO



syngenta

22ª HORTITEC

Hortifruti Brasil

Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil